BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXX • AGOSTO DE 1955 • N.º 342

// Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Séde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.° and.

Ano XXX	AGOSTO DE 1955	Número 342

Sumário

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICAS:

NOSSA CAPA

Cafeeiros bem formados: Estes cafeeiros, de meia idade e sem depauperamento orgânico, não apresentam aquela forma de cone, em que a produção pràticamente se localiza na "saia", ficando a parte superior constituida de galhos e varas ressequidos.

O cafeeiro bem formado tem, evidentemente, produção maior.

Colaboração

DUAS LIÇÕES DA "HOLAMBRA"

J. Testa

As terras de "barba-de-bode" que os holandeses compraram em Mogi-Mirim, para sua emigração dirigida em bases técnicas e cooperativistas, constituiram, na época da compra, motivo de jocosos ou de penalizados comentários. Muito se falou do tremendo lôgro impingido aos compatrícios de Maurício de Nassau, por certo bem mais entendidos — afirmava-se — na arte de secar pântanos que na de escolher terras no planalto de piratininga, e cujos padrões certamente não eram o páu d'alho ou a figueira branca...

Para quem gosta do ''bafo-do-sertão'', da mata virgem, da queimada, da gorda terra de nata acumulada pelos séculos, o que faziam os holandeses, adquirindo aquêle carrascal, era simplesmente ingenuidade...

Pois bem: alguns anos são passados. E a fazenda ''Holambra'' (onde até o nome foi bem escolhido) é hoje um modêlo, é exatamente um lugar onde se vai para aprender como lavrar a terra, como conservá-la, como tratar as plantas e os animais, como trabalhar em conjunto, com máquinas coletivas, e com vendas em bases coooperativas.

Nada fizeram de milagroso os colonos holandeses. Apenas aplicaram processos que não são segrêdo, e que os técnicos brasileiros não se cansam de preconizar: exame da terra, adubação racional, semente selecionada, trato cuidadoso, defesa do solo, conjugação da pecuária com a agricultura.

* * *

Há mais, porém. Há uma segunda lição dos colonos holandeses, de tanta ou maior importância que a primeira. É que, depois de ensinar a produzir quizeram também ensinar a vender. Vai a ''Holambra'' iniciar em breve a exportação, para a Holanda, diretamente aos comerciantes dos Países-Baixos, de finíssimos cafés de sua produção, em base de produto certificado, isto é, com garantia, para o comprador, de que receberá, de fato, o produto adquirido... Num país onde as mistificações, infelizmente, não primam pela raridade e onde o produto fino, estandardizado, padronizado, de fornecimento contínuo e seguro, é algo difícil, o acontecimento é digno de registro, e tanto mais quanto há muito se empenhavam nesse sentido os comerciantes de Amsterdão, bons conhecedores dos seus antigos e magnificos ''java''.

Segundo se informa, diversos fazendeiros brasileiros, vizinhos da ''Holambra'', também se interessaram pela operação, e nela deverão figurar. Teremos, assim, no Brasil, ao invés das ''ligas'' e dos ''tipos'', um café com marca de procedência, algo assim como as marcas de procedência colombianas ou salvadorenhas.

* * *

Quando se comenta, encomiàsticamente, feitos como êsses, cumpre não esquecer que há também brasileiros já libertos dêsse mito do ''bafo do sertão''. Sabem êles que não há terras ''velhas'' ou ''novas'', e que as zonas ''cansadas'' podem ser refertilizadas e rejuvenescidas. Êsses homens praticam a curva de

nível, a produção do "composto", a irrigação artificial, a rotação de culturas, o plantio e colheita motorizados, e empregam sementes oriundas das melhores conquistas da genética. Muitos dêles já tentaram, igualmente, exportar diretamente o seu produto.

Entretanto, embora relativamente numerosos, são ainda poucos, êsses pioneiros. Eis porque um trabalho como êsse da "Holambra" deve ser salientado, mesmo porque constitui uma experiência sob certos pontos inédita, e com graves "handicaps" iniciais, principalmente em se tratando de alienígenas.

* * *

Há outras, análogas ou parecidas, pelo Brasil afóra: a de "Pedrinhas", de colonos italianos, em Assis; a dos poloneses em Ponta Grossa; as dos japoneses em Thomé Açu, no Pará e em Parintins, no Amazonas. E, se recuarmos no tempo, e quizermos buscar processos outros que não os da técnica moderna, mas tão sòmente a vitória da luta e do trabalho, então vários outros e brilhantes exemplos surgiriam: dos alemães em Blumenau; dos italianos em Caxias e Garibaldi, e tantos e tantos outros.

Quaisquer dêsses exemplos, todavia, os antigos e os recentes, os nacionais e os estrangeiros, não tiram aos holandeses da "Holambra" o mérito que possuem e o lugar que conquistaram. Mérito por certo muito alto e lugar muito destacado, entre os que lutam pelo progresso e riqueza do Brasil.

ADUBAÇÃO DO CAFEEIRO (*)

J. E. T. Mendes
(Instituto Agronômico)

"Não se pode exigir que estrumes químicos tranformem o cafeeiro velho e já quase morto em um dêsses lindos arbustos de 13 a 15 anos que deslumbram a vista pela fôrça de sua vegetação e pela riqueza de seu florescimento e nem tampouco pretender que os adubos perfurem pedras e rochas que impediram o crescimento de um cafèzal ruim. Milagres não os há'".

F. W. Dafert. Estrumes artificiais na cultura do cafeeiro. Relatório do Instituto Agronômico 1894-95. pg. 281.

É sempre com encanto que se lê o velho Dafert. Do fundo do passado a sua palavra é nova, têm vigor, encerra verdade, é sincera e, às vêzes, chega mesmo a ser rude, mas traz advertências que se aplicam perfeitamente bem no dia de hoje. Assemelha-se à moeda antiga, cunhada em bom metal.

Comecemos, portanto, a nossa aula pelo conselho que nos dá o emiente fundador do Instituto Agronômico.

Vejamos o que êle nos ensina:

1.°) não adianta adubar cafèzais extremamente velhos cujo estado já é de plena decadência;

2.°) se as condições do terreno forem muito desfavoráveis, a adubação não remedeia a situação criada pela escolha imprópria do local.

Duas situações se apresentam ao técnico quando é chamado a opinar sôbre a adubação de cafèzais: a) lavouras novas; b) lavouras em plena exploração.

Lavouras novas — Temos aconselhado a todos os lavradores de zonas recém-desbravadas, que nos têm consultado, que iniciem a adubação de suas culturas tão logo comecem estas a aproduzir grandes cargas. Em casos especiais, como são aquêles em que os cafèzais foram plantados em terreno virgem, porém fraco, é necessário que se façam adubações antes mesmo que as árvores comecem a produzir em seu ritmo normal.

O cafeeiro, quando plantado diretamente na cova, inicia a sua produção, em geral, no quarto ano. As colheitas vão crescendo no quinto, no sexto, no sétimo ou oitavo ano e, se as condições meteorológicas forem favoráveis, o lavrador colherá uma safra de grandes proporções. Daí em diante, a lavoura entrará em seu ciclo bi-anual de produção, dando sempre uma colheita pequena após uma grande.

Devemos, neste ponto, iniciar as adubações. Elas proporcionarão maior equilíbrio às plantas, fornecendo elementos solúveis que, ràpidamente utilizados, irão recompor as árvores esgotadas pela colheita, que entre nós é uma opera-

ção brutal. Será conseguida assim uma melhor distribuição das safras, com vantagens notórias para o produtor, que, mesmo nos anos de carência do produto, tê-lo-á em quantidades suficientes, pelo menos para o custeio da fazenda.

Quando o cafèzal se apresenta com sinais evidentes de esgotamento, apesar de plantado em terra nova, tais como fôlhas amarelecidas, galhos secos, ponteiros mal desenvolvidos ou mortos, será necessário tomar enérgicas providências, para lhe dar novo alento por meio de uma adubação adequada, repondo-o em condições satisfatórias de produção.

Lavouras em plena exploração — Dois são os casos que se apresentam: a) lavouras que já vêm sendo adubadas; b) lavouras que nunca receberam adubação.

No primeiro caso cabe ao técnico verificar se o plano em execução é racional. Deverá corrigir as falhas, se as houver, e dar uma orientação nova, se necessário.

O que mais frequentemente acontece, porém, é nunca ter sido feita sequer uma adubação, ou então, terem sido aplicado adubos de forma tão pouco metódica que os resultados nunca se fizeram sentir.

Torna-se necessário, portanto, organizar um plano. Têm agora aplicação o conceito de Dafert: cafeeiro velho e quase morto não se reabilita com a aplicação de adubos. Não há fórmula mágica, que transforme uma árvore moribunda, quase sem galhos, com os que restam meio apodrecidos, em planta vigorosa, vicejante, com ramos ostentando farta messe.

Como primeiro passo a dar-se, antes de qualquer outra medida deverá ser feito um *levantamento da lavoura*. Talhão por talhão terá suas plantas contadas e distribuidas em três categorias: a) plantas boas; b) meias plantas; c) falhas.

Se existir na fazenda uma escrituração da colheita de talhão por talhão, será fácil confrontar-se os dados que vão resultar dêsse primeiro exame da plantação com as produções obtidas nos últimos anos (5 p. ex.). Verificar-se-á que quase sempre as menores produções correspondem aos locais mais falhados.

Se não se dispuser dêsses números, a visita minuciosa ao cafèzal, a pé ou a cavalo, para anotação do valor de cada talhão, por um sistema qualquer que se adote, seja de pontos ou de notas (bom, regular, ruim, péssimo), dará uma *idéia do estado atual da lavoura*.

Já agora se têm em mãos elementos para saber o que deve ser mantido, o que deve ser adubado e o que deve ser eliminado.

Temos insistido sempre, ao aconselharmos uma adubação em tais casos, que se concentre o *máximo de esfôrço na lavoura melhor*. É a que está em condições de pagar com juros mais altos o capital que se gastar para fazê-la produzir mais.

Adubação orgânica — O cafeeiro é extremamente exigente de matéria orgânica. Plantado em terra de derrubada recente, viceja e produz fartamente enquanto o solo é rico em húmus. Quando êste se esgota, decai a lavoura.

Daí a preocupação que deverá nortear o lavrador: manter as terras de seus cafèzais sempre com a quantidade suficiente de matéria orgânica para que a vida do cafeeiro se desenvolva normalmente.

A adubação orgânica poderá ser dada em duas formas principais: a) estêrco, composto, palha, de café, serapilheira de mato; b) adubação verde.

Produção do estêrco — A propriedade cafeeira fica por isso obrigada a ser mista, isto é, ter dupla finalidade: a produção do café e a exploração de um qualquer da indústria animal. Em São Paulo a modalidade mais comum é a fazenda mista de café e gado. Atualmente há marcada tendência para se estabilizar também o tipo café-criação de galinhas.

A exploração do gado poderá ser feita debaixo de dois critérios: a) para produção intensiva de leite; b) manutenção dos animais para o fim principal de produção de estêrco, sendo o leite considerado fonte acessória de receita.

No primeiro caso temos as granjas leiteiras, que se situam a um determinado limite de distância de São Paulo e que para lá podem remeter seu produto. No segundo fica a maioria das fazendas do Estado. Este é o tipo que mais nos interessa atualmente.

De acôrdo com dados obtidos na Estação Experimental de Pindorama, uma cabeça de gado pousando prêso em mangueirão fechado produz por dia, em média, 10,5 quilos de estêrco curtido (média da produção do mangueirão), ou sejam, 3780 quilos em 360 dias.

Uma boa adubação orgânica corresponde ao emprêgo de um jacá de estêrco curtido por cafeeiro, com o pêso médio de 18 quilos. Nesta base cada .... 1.000 cafeeiros consumirão 18.000 quilos de estêrco. São necessárias, portanto, 4,8 cabeças de gado por mil cafeeiros a serem estercados.

Via de regra podem ser mantidas 4 a 5 cabeças de gado em um alqueire de pasto. Podemos, por isso, calcular que um alqueire de terra em pastagem e em capineira é suficiente para sustentar as quatro ou cinco cabeças de gado necessários para estercar os mil cafeeiros.

Palha de café — É um ótimo adubo orgânico. Poderá ser empregada sòzinha ou acompanhada de adubos minerais que completem o seu efeito no terreno. Nos anos de produção média dará para estercar mais ou menos 1/10 do cafèzal. Atualmente a tendência é a de usá-la na fabricação do composto (onde funciona como elemento fermentescível de primeira ordem) ou para o enriquecimento do estêrco de mangueirão.

A quantidade empregada é geralmente a de um jacá de 40 litros por cafeeiro. O pêso dêste volume é de, aproximadamente, 7.600 gramas.

Composto — Onde houver abundância de restos orgânicos, tais como bateduras de culturas diversas, restos de qualquer indústria bagaço, cascas, etc.) ou mesmo onde seja possível produzir massa orgânica abundante e por preço econômico, será de tôda a vantagem o emprêgo do método da produção de estêrco denominado *composto*. Pode-se assim até dobrar a quantidade de estêrco que se produziria normalmente, só com a cama dos animais e suas dejeções.

Estêrco de galinha — A criação de galinhas vêm-se desenvolvendo com extraordinária rapidez em São Paulo. O estêrco produzido é de excelente qualidade, rico em elementos nutritivos e em condições de ser rapidamente aproveitado pelas plantas. White, Holsen e Richer, no Bol. 469 P, de novembro de 1944, da Estação Experimental de Agricultura de Pensylvania, calculam que uma galinha poedeira produz anualmente 138 litros de estêrco com 76% de

umidade, o que se reduz a mais ou menos 16 quilos de estêrco sêco. Em São Paulo chegam a calcular a produção em 20 quilos por cabeça anualmente, com cêrca de 20% de água, o que equivale ao número citado pelos autores americanos. O emprêgo é geralmente o de dois a quatro quilos por cafeeiro formado.

Plano geral de adubação — Munido de todos os dados que alinhamos acima, isto é, o estado atual da lavoura e a disponibilidade de matéria orgânica, pode-se então traçar um plano geral de adubação.

Esquemàticamente temos aconselhado a divisão da totalidade dos cafeeiros a serem adubados, em três partes, de acôrdo com o quadro seguinte:

	1.º ANO	2.º ANO	3.º ANO
Parte A	Adubação orgânica	Adubação mineral	Adubação verde
Parte B	Adubação mineral	Adubação verde	Adubação orgânica
Parte C	Adubação verde	Adubação orgânica	Adubação mineral

Adubação orgânica — Êste esquema traz a grande vantagem de não obrigar a um consumo de enorme quantidade de matéria orgânica, que seria, na maioria dos casos, inexequível, de início. Teremos, assim, de adubar apenas 1/3 da lavoura com matéria orgânica. Esta poderá ser dada na forma de cocheira, composto, palha de café (se não se preferir transformá-la em composto) ou serapilheira de mato.

Se a organização da fazenda é a mais comum e a produção de estêrco se processa em mangueirões, é fácil estimar com exatidão a área a ser deixada em pasto e em capineira. Imaginemos uma fazenda com 100.000 cafeeiros. De acôrdo com o que ficou programado, 33.000 serão estercados anualmente. Como vimos, é preciso manter quatro cabeças para estercar 1.000 cafeeiros. Segue-se que serão necessários 132 cabeças para estercar os 33.000 cafeeiros. Cada alqueire de pasto e capineira em condições médias, é suficiente para a manutenção das quatro cabeças. Daí se deduz a área em pastagem, que será de 33 alqueires.

Isto não quer dizer que o esquema seja rígido. É claro que se pudermos aumentar a estercação anualmente, para a metade dos cafeeiros existentes ou até para mais, devemos fazê-lo.

Adubação verde — As leguminosas representam importantíssimo papel na adubação do cafeeiro. Em ensaio realizado na Estação Experimental de Pindorama chegou-se à conclusão de que no tipo de solo alí existente o emprêgo de leguminosas, quando acompanhado de adubação mineral, dá resultados que se podem comparar com o do emprêgo de estêrco mais adubação mineral.

Em São Paulo podem ser empregadas com êxito as seguintes leguminosas: feijão de porco, Crotalaria juncea e soja Ototan. Tôdas elas têm qualidades e defeitos. Por isso será de bom alvitre empregá-las tôdas na fazenda, em rotação, nos talhões em que forem cultivadas.

A adubação verde têm as seguintes finalidades: enriquecer o solo em azôto e em matéria orgânica, mobilizar os elementos minerais das camadas mais profundas para as superficiais, travar o solo durante o período das águas, impedindo a erosão, diminuir o número de capinas e melhorar as condições físicas do solo.

Em terrenos ainda bastante férteis a adubação verde poderá ser realizada sem que o emprego de adubos minerais. Quando, porém, o estudo de esgotamento do terreno fôr acentuado, será de tôda a conveniência, mesmo dentro do esquema indicado, usar pelo menos os elementos minerais mais exigidos, de acôrdo com o tipo de solo.

Adubação mineral — Se estudarmos os resultados das análises procedidas por Dafert vamos verificar que um quilo de café em côco retira as seguintes quantidades de elementos de solo, em gramas: potássio, 20,5; cálcio, 3,2; magnésio, 1,9 e fósforo, 2,1 (*Dafert, F.W.* — Sôbre as substâncias minerais do cafeeiro. Rel. do Instituto Agronômico 1888 1893, pgs. 183-200).

Êsse A. não estudou o azôto necessário para a produção dessa quantidade de café. Em trabalho recente, ainda não publicado, Catani e Pupo de Morais estimaram que em um quilo de café em côco são encontradas 15 gramas dêste elemento.

Assim, se tivessemos de fazer a restituição dos elementos principais por colheitas de 1.000, 2.000 e 3.000 quilos de café em côco por mil cafeeiros, correspondentes aproximadamente a 33,66 e 99 arrôbas de café beneficiado, teríamos de lançar mão do que vêm expresso no quadro seguinte:

COLHEITA	AZÔTO	FÓSFORO	POTÁSSIO
1.000 qls. de café em côco	15,0 kg.	2,4 kg.	20,5 kg.
2.000 ” ” ” ” ”	30,0 ”	4,8 ”	41,0 ”
3.000 ” ” ” ” ”	45,0 ”	7,2 ”	61,5 ”

Calculando os dados mais comumente empregados na lavoura cafeeira, na base citada, teremos o seguinte:

COLHEITA	Salitre do Chile a 15%	Sulfato de amônio a 20,5%	Farinha de ossos a 28%	Cloreto potássio a 60%
1.000 qls. de café em côco	100 kg	72,2 kg.	8,5 kg.	34,2 kg.
2.000 qls. de café em côco	200 kg.	146,4 kg.	17,0 kg.	68,4 kg.
3.000 qls. de café em côco	300 kg.	219,6 kg.	25,5 kg.	102,6 kg.

Teríamos, portanto, que a restituição dos princípais elementos para uma produção bastante elevada, como soja a de 99 arrôbas por mil cafeeiros, iria exigir por planta as seguintes quantidades de adubos:

Salitre do Chile	300 gramas)	
ou		
Sulfato de amônio	220 gramas)	por
Cloreto de potássio	100 gramas)	cafeeiro
Farinha de ossos	25 gramas)	

Ensaios realizados nas Estações Experimentais de Campinas e Ribeirão Prêto demonstraram que para a terra roxa misturada e para a terra roxa legítima o elemento em mínimo é o potássio. Na Estação Experimental de Pindorama, situada em terra arenosa, o elemento que se mostrou mais necessário foi o azôto.

Assim, com base nêstes resultados, temos aconselhado para as diversas regiões cafeeiras do Estado fórmulas em que seja dada, para as terras roxas, uma adubação mais pesada em potássio e, para as terras arenosas, mais rica em azôto.

Em geral, salvo casos de notória pobreza em qualquer dos elementos, poderão ser empregadas as seguintes misturas, com bons resultados no Estado de São Paulo:

Para terra roxa e roxa misturada:

Salitre do Chile	200 gramas)	
ou		
Cloreto de amônio	150 gramas)	por
Cloreto de potássio	150 gramas)	cafeeiro
Farinha de ossos	200 gramas)	

Para terra arenosa:

Salitre do Chile	300 gramas)	
ou		
Sulfato de amônio	220 gramas)	por
Cloreto de potássio	100 gramas)	cafeeiro
Farinha de ossos	200 gramas)	

Os adubos azotados deverão ser empregados em duas épocas: outubro, juntamente com os demais, e março/abril, em cobertura

Quaisquer outros adubos podem ser aplicados, desde que haja conveniência econômica ou técnica em fazê-lo.

Deve-se dar grande aprêço e preferência, sempre que possível, às tortas, tanto a de algodão como de mamona, que são empregadas na cafeicultura com excelentes resultados, pois, além de constituirem ótimo adubo orgânico, incorporam ao solo apreciáveis quantidades de azôto, fósforo e potássio.

Com todos êsses elementos em mãos competirá ao agrônomo fazer a receita para cada caso em que seja chamado a dar a sua opinião.

Se a matéria orgânica fôr mal preparada ou se se tratar de solos muito pobres, convirá juntamente com ela fazer o emprêgo de adubos minerais convenientes, se a lavoura fôr muito viçosa, bem enfolhada e principalmente se estiver situada em terra roxa, poderá ser diminuído o azôto; se, pelo contrário, se apresentar mal vestida, sem fôlhas, por efeito de uma colheita excessiva ou porque tenha sido prejudicada por geada ou sêca, êsse elemento poderá ser dado em dose maior; se após o corte da leguminosa para a adubação verde as árvores se mostrarem amareladas, imediatamente deverá ser feita uma adubação azotada em cobertura; em qualquer caso, se em março ou abril, os cafeeiros apresentarem fôlhas amarelecidas, será aplicado o tratamento atrás referido; em terras arenosas será de bom aviso insistir no emprego das leguminosas, etc..

Modo de emprêgo — A adubação orgânica (estêrco de cocheira, composto, palha de café, serapilheira de mato), é empregada em sulcos profundos que se fazem um pouco afastados da saia do cafeeiro. Em terrenos muito acidentados usa-se fazer a *meia-lua*, dando meia volta ao cafeeiro. Esta operação é executada com enxadão, atingindo a uma profundidade de pouco mais ou menos 30 cm. Quando o cafèzal está plantado em nível ou situado em local de topografia pouco acidentada, usa-se o sulcador. Procura-se obter a profundidade de 30 cm., o que muitas vezes é conseguido com duas passadas da máquina. Deve-se evitar repetir o sulcamento no mesmo lugar se a adubação orgânica se processar todos os anos, mudando a posição em que é feita, de um ano para outro.

A matéria orgânica destinada a cada cafeeiro é disposta bem esparramada no sulco ou na meia lua. No primeiro caso a dose de um cafeeiro deverá encontrar a dose do seguinte, formando um filête contínuo no sulco. Por sôbre a matéria orgânica é distribuido o adubo mineral. A aplicação de adubos fosfatados deverá ser feita de preferência juntamente com os adubos orgânicos, para se aproveitar a maior profundidade a que êstes são colocados

Depois de distribuidos os adubos orgânicos e químicos, os trabalhadores com a enxada fazem uma mistura da terra com êles e fecham os sulcos.

Quando se executa a adubação com misturas de adubos químicos exclusivos, faz-se a meia lua ou o sulco mais superficialmente, pois o volume a ser enterrado é pequeno. A adubação azotada, principalmente a que se dá em março/abril, deverá ser em cobertura.

Os adubos verdes, depois de cortados, devem permanecer no solo; não se deve enterrá-los.

Época de adubação — A adubação geral da fazenda deverá ser iniciada logo após as primeiras chuvas, isto é, de fins de setembro em diante, podendo se prolongar até dezembro.

---

* Aula proferida no I CURSO POS-GRADUADO DE CAFEICULTURA, realizado sob os auspícios do INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ, no INSTITUTO AGRONÔMICO DE SÃO PAULO, em Campinas, èm 26-5-54

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO CAFEEIRA NO BRASIL

HEITOR FERREIRA LIMA

A lavoura cafeeira bem pouca expressão teve no período colonial, quase nada representando para a economia do país.

Introduzida no Amazonas em 1727, sua produção foi ali insignificante. No Maranhão, igualmente, a cultura do café não se desenvolveu. O mesmo se pode dizer, de uma forma geral, para as regiões nordestinas, como Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Espírito Santo. Era uma cultura de pouca monta, que sob aspecto algum poderia sequer ser comparada com a da cana e do algodão.

Foi no Rio de Janeiro, primeiro nos arredores da capital, e dali espraiando-se pelo interior do território fluminense, que ela começou a tomar vulto no tempo de D. João VI, para transformar-se, logo a seguir, em imenso fator de riqueza, antes no estado do Rio, e mais tarde em São Paulo, em forma grandiosa, avassaladora.

Tratava-se apenas de produção para o consumo interno. Essas plantações propiciaram, todavia, uma verdadeira base à aprendizagem da cultura, facilitando a grande expansão, observada depois da nossa Independência. D. João VI e os fidalgos que o acompanhavam estimularam o uso do café e o seu plantio. Taunay, em sua *Propagação da Cultura Cafeeira*, relata um episódio interessante sôbre a distribuição de sementes pelo próprio monarca, aos nobres da Côrte, insistindo para que as cultivassem.

Dêsse modo, nas encostas do Corcovado, na Cascata da Tijuca, no Andaraí surgiram plantações que, em seu conjunto, abrangiam mais de uma centena de milhar de árvores, produzindo mais do dôbro em arrôbas. Alargando-se para Jacarepaguá, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba, foi aos poucos invadindo os territórios fluminense, mineiro e paulista.

As atividades agrícolas na província do Rio de Janeiro, no início do século XIX, se achavam concentradas principalmente na cana-de-açúcar, no tabaco e no anil. A região dos engenhos era formada pelos terrenos baixos, próximos da costa, lutavam os fluminenses com a hostilidade pantanosa da região. Não seriam essas as regiões mais adequadas ao desenvolvimento do café. Os caminhos que ligavam a Côrte ao interior, haviam sidos abertos pelas necessidades da mineração, nos quais se transportavam, por tropas, cargas de grande valor e pequeno pêso. As partes altas da província estavam cobertas de matas virgens, pràticamente inacessíveis aos colonos. Rezende, Paraíba do Sul e outros lugarejos eram simples pousos para as tropas, sem valor econômico próprio.

Dois rumos principais tomou a invasão cafeeira no território fluminense: o do nordeste, tendo como núcleos mais importantes São João Marcos e Resende,

e o do norte, cujos centros de maior relêvo foram Vassouras, Marquês de Valença e Paraíba do Sul.

Foi, pois, no território fluminense que a cafeicultura se firmou, definitivamente, no Brasil. Mas, mesmo aí, durante cêrca de quarenta anos, a produção seria apenas suficiente para o consumo local. O surto violento só se verificaria quando o café atingisse as zonas dos "desertos das montanhas", vastos tratos de terra, cobertos de matas e habitados pelos índios Puris, Sucurus e Coroados, daí repelidos ou exterminados pelos cafeicultores.

Com o entusiasmo decorrente do rápido enriquecimento de muitos agricultores de café, novas e grandes plantações se fizeram, espraiando-se cèleremente pela província. Abandonavam-se as fazendas de antigas culturas e as terras já lavradas, para dar-se preferência às zonas florestais, que a prática ia indicando como as mais produtivas. Houve muita dispersão de esforços e muita cultura experimentada em terras que se não mostravam favoráveis; o vale do Paraíba foi região em que se verificaram os melhores resultados, e daí a extensão da cultura pelas suas margens, galgando as numerosas serras que o circundam e os seus vários afluentes.

O distrito de Angra dos Reis, em 1811, produziu 10 000 arrôbas de café e perto de Resende havia fazendeiros possuidores de 60, 80 e até 100 000 cafeeiros. Era uma cultura rendosa, pois, em 10 anos, restituia fàcilmente o capital inicial empregado. Seu preço de 4 000 réis a arrôba, em 1817, passa para 5 700 em 1818, para 6 400 em 1819, atingindo 6 800 em 1820.

No Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, já havia cafèzais em 1800, anotando-se sua cultura em Araxá, em 1809, e o viajante Mawe diz ter encontrado culturas de café, no mesmo ano na Mantiqueira e São João d'El Rei. Pela margem esquerda do rio Paraíba, as plantações invadiram a zona da Mata, atingindo depois as antigas regiões transitadas pelos primitivos mineradores, onde se localizaram núcleos de população, vilas e aldeias, fundados e mantidos pelos seus descendentes. A região mineira onde tomou rápido desenvolvimento a cultura do novo produto, foram Mar de Espanha, Juiz de Fora, Leopoldina, Cataguases e Ubá.

Em 1801, em São Paulo viviam cêrca de 70 000 habitantes. Em 1815, 215 000. No ano da Independência, 220 000, quando, então, a capital de São Paulo contava com cêrca de 20 000. A indústria de melhor rendimento na capitania era a do açúcar, sendo Itu o maior centro produtor. A exportação paulista era diminuta no comêço do século XIX. Santos é apontado com um dos menores portos comerciais do Brasil na época, não alcançando o seu comércio 1/2% da exportação nacional. Após a Independência, melhorou a exportação de açúcar paulista, favorecida pela baixa do câmbio, e alargou-se um pouco a exportação de aguardente, algodão e de outros produtos.

O café parece ter penetrado em São Paulo por volta de 1790, ao norte, pelos limites fluminenses. As primeiras culturas se verificaram em Areias, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Caçapava, Jacarei. Em 1794, há notícia da saída de um caixote de café da chácara de Casa Verde, pertencente à família Arouche, na cidade de São Paulo. Êsse café, também aí, a princípio, se foi espalhando pelas chácaras e quintais e sua produção era absorvida pelo consumo local. Conforme observação de Paulo Pôrto Alegre, até 1815 a produção do Brasil cobria apenas o consumo interno.

Na zona do oeste, no fim do século XVIII, há referência a uma plantação, em Jundiaí, de alguns pés de café, pelo sargento-mor Raimundo dos Santos Prado. Em 1817, o capitão Francisco de Paulo Camargo, indo ao Rio de Janeiro por ocasião dos festejos em honra do príncipe D. Pedro, viu vender café limpo a 8 e 9 mil réis a arrôba; entusiasmado por êsses preços e de regresso a Jundiaí, iniciou a sua cultura na fazenda que ficou denominada "do café" e induziu seu parente, tenente-coronel Joaquim Aranha Camargo Barreto a idêntica iniciativa. Mais tarde êsses cafèzais foram abandonados.

O processo de beneficiamento era dos mais rústicos e primitivos, usando-se para isso o monjolo, ou então o descascamento por meio de bois, que eram levados a pisotear repetidas vêzes os grãos espalhados no chão, apresentando assim um produto bem pouco atraente e pouco limpo.

Quanto à exportação, as cifras são raras e contraditórias, conforme assinala Afonso Taunay, que estudou o assunto pacientemente durante longos anos. Para os anos anteriores a 1817 não possuimos dados, mas sabemos que saíram do Rio de Janeiro 30 000 arrôbas em 1808; menciona-se que Santa Catarina exportou 12 592 arrôbas em 1812, e o Brasil todo, em 1813 85 arrôbas.

De 1817 em diante, existem maiores dados, havendo, entretanto, discrepâncias entre êles. Vamos tomar os da Associação Comercial do Rio de Janeiro, por serem os mais completos quanto à tabela de organização e por se referirem à exportação por aquela cidade, pois era seu pôrto o escoadouro de quase tôda a produção nacional, principalmente do café. Eis o quadro da Associação Comercial do Rio de Janeiro, de 1817 a 1822.

1817	319 830
1818	371 235
1819	366 570
1820	487 500
1821	526 930
1822	760 240

As cifras dadas por Spix e Martins e monsenhor Pizarro divergem entre si e são diferentes destas, o mesmo acontecendo com as de Costa Santas, Walsh e Pôrto Alegre, sendo que as de Costa Santos se aproximam mais das aqui citadas e as do Pôrto Alegre acusam algarismos bem inferiores.

Mas isto é a velha tragédia das estatísticas do Brasil, que até hoje ainda se repete...

PRIMEIRO IMPÉRIO E REGÊNCIA

O grande acontecimento da primeira metade do século XIX, em nossa economia, é, sem dúvida, o representado pelo café. Durante êsse período êle surge e se desenvolve em enorme escala, passando a desempenhar papel de considerável relêvo, quer quanto à produção, quer quanto ao comércio exterior, sobre-

pujando os demais artigos que até então constituíam a base da economia nacional.

Para demonstrar isso, basta assinalar que, em 1822, ano de nossa Independência, só para Lisboa exportamos 190 sacas, passando para 328 333 sacas em 1826. Em 1830, a venda total para o exterior somou 480 sacas, ascendendo a 700 000 em 1822 e atingindo mais de um milhão em 1833.

Trata-se, como se vê, de um progresso rápido, pois em três anos apenas, de 1830 a 1833, duplicava a nossa exportação, o que constitui fato realmente notável.

Outro aspecto dêsse mesmo problema pode ser apreciado pelos seguintes dados: de uma participação pràticamente nula em nosso comércio exterior no início do século, passa a tomar impulso a partir de 1820, representando já nossa exportação 20% da produção mundial em 1826, sendo que a Ásia e a África, por essa mesma época, forneciam 50% do consumo internacional e as Antilhas e a antiga América espanhola, 30%. Desde 1830 a produção de Java era sobrepujada pela do Brasil, que passou a fornecer daí por diante 40% do consumo do mundo.

Mas, não sòmente a produção brasileira crescera, como também o consumo mundial aumentava, porque, em 1825, o comércio internacional de café atingia ou seja, o triplo em vinte e cinco anos apenas (1).

Quais os fatôres que propiciaram êsse surto tão rápido do consumo internacional do café?

Em primeiro lugar, o fim das guerras napoleônicas, que trouxe a paz aos povos. Com a paz e graças aos progressos da higiene, registrou-se poderoso aumento da população européia, que de 175 milhões de habitantes, em 1800, passou para 400 milhões em 1900. Em terceiro lugar, em consequência dos aperfeiçoamentos industriais da navegação, decorrentes da aplicação do vapor e do ferro, o comércio internacional começou a apresentar maior desenvolvimento.

São êstes elementos de expansão geral que favoreceram o consumo e o comércio internacional do café, criando assim o clima adequado para o aumento da nossa produção.

Um frêmito de entusiasmo, por isso, sacudiu então os nossos lavradores, despertando-lhes as energias pelo novo produto que proporcionava enriquecimento rápido, dando origem à formação e aparecimento de vastas plantações, que se espraiavam cèleremente. Abandonavam-se fazendas de antigas culturas e terras já lavradas, para dar preferência às zonas florestais, que a prática ia indicando como mais produtivas.

Sim, porque nem tôdas as terras se prestavam para a novel promissora cultura, requerendo ela clima próprio, onde não houvesse terrenos úmidos, com aeração e insolação suficientes, exigindo chuvas na maturação e tempo sêco na época da colheita. Antes de se chegar a compreender isso, entretanto, houve muita dispersão de esforços e muito trabalho perdido em terras que não se mostravam favoráveis. O vale do Paraíba foi a região em que se verificaram os melhores resultados, adquirindo sua cultura imensa extensão em suas margens, galgando as numerosas serras que o circundam, bem como de seus vários afluentes.

Foi nesta região, por isso, que a cultura do café tomou impulso, abrangendo os estados do Rio e São Paulo, extravasando por Minas Gerais, transformando-se êsse espaço do território nacional no primeiro grande centro produtor da famosa rubiácea.

A zona em que predominou a cultura cafeeira, no estado do Rio, entre 1830 e 1860, foi a constituida pelos municípios de Resende, Barra Mansa, Piraí, Vassouras, São João Marcos, Passa Três e Sant'Ana.

A produção fluminense de café, entre 1836 e 1841, foi a seguinte, em arrôbas:

1836 — 37	2 321 710
1837 — 38	1 797 732
1838 — 39	2 948 378
1839 — 40	4 547 312
1840 — 41	3 908 787 (2)

Outro lugar onde prosperou a lavoura cafeeira, foi São Paulo.

Assim, de uma exportação de 132 sacas em 1808, passou para 9 233 em 1813, alcançando 141 663 arrôbas em 1825. Uma década mais tarde, isto é, em 1836, a produção total da província atingia 584 686 arrôbas, cabendo à zona norte 423 773, à oeste e sul, 76 049, e ao litoral 84 664. Como se pode verificar, a predominância do norte é absoluta, cabendo-lhe mais de dois terços do total produzido. Os municípios que mais se salientaram nesta produção, na época foram Areias, onde existiam então 238 fazendas cafeeiras; Taubaté com 88 fazendas; Guaratinguetá com 40 fazendas, e Moji das Cruzes com 38 fazendas. Em Ubatuba cultiva-se café em 334 fazendas e sítios; em Campinas, em 9 fazendas (3), e outras em menor quantidade, somando um total de 1 200 fazendas e sítios em tôda a província (4).

Em Minas Gerais, igualmente, a cultura do café ia progredindo consideràvelmente, pois de 9 739 arrôbas produzidas em 1818-19, passou para 163 000, em 1834-35, ou seja, um crescimento de dezesseis vêzes mais em dezessete anos.

No Espírito Santo, a produção de café era de 112 sacas anuais apenas, em 1839, o que representa quantidade insignificante, mantendo-se essa situação até 1840, mais ou menos, quando começou a tomar vulto a sua cultura.

Para o total do país, foi esta a produção durante o período que estamos analisando, em médias qüinqüenais:

	Sacas de 5 arrôbas
1821 — 1825	487 594
1826 — 1830	1 618 202
1831 — 1835	3 304 312
1836 — 1840	4 623 345

Vejamos agora a parte referente à exportação, em volume e valor, e sua representação no cômputo da exportação nacional.

Afonso de E. Taunay, com dados da Diretoria de Estatística Econômica e Financeira do Tesouro Nacional, organizou o seguinte quadro referente ao decênio de 1821 a 1830:

ANOS	*Sacas de 60 quilos 1 000 sacas*	*VALOR*		*VALOR P/SACA*		*Porcentagem do café na exp. nac.*
		Contos de réis	*££ 1 000 ouro*	*Em réis*	*Em ouro ££*	
1821	129	3 275	704	25$400	5,50	18,3
1822	186	3 866	789	20$800	4,25	19,6
1823	226	4 163	878	18$420	3,89	20,1
1824	274	3 501	704	12$800	2,57	18,3
1825	224	2 884	623	12$880	2,78	13,5
1826	318	3 450	690	10$850	2,17	20,8
1827	430	5 264	774	12$240	1,80	21,1
1828	452	5 105	659	11$300	1,46	15,9
1829	459	6 846	705	14$920	1,54	20,9
1830	480	6 954	663	14$490	1,38	19,8
DECÊNIO	*3 178*	*45 308*	*7 189*	*14$257*	*2,26*	*18,4*

Para o decênio posterior de 1831 a 1839-40, o quadro é o seguinte:

ANOS	*Sacas de 60 quilos 1 000 Sacas*	*VALOR*		*VALOR P/SACA*		*Porcentagem do café na exp. nac.*
		Contos de réis	*££ 1 000 ouro*	*Em réis*	*Em ouro ££*	
1831	549	9 268	694	16$800	1,76	28,6
1832	717	12 462	1 832	17$380	2,56	39,2
1833 (1)	560	8 868	1 383	15$840	2,47	42,4
1833-34	1 121	17 820	2 775	15$900	2,47	49,3
1834-35	970	15 078	2 435	15$540	2,51	45,7
1835-36	1 052	15 626	2 555	14$850	2,43	37,7
1836-37	910	13 961	2 237	15$340	2,46	40,9
1837-38	1 149	17 832	2 197	15$520	1,91	53,2
1838-39	1 333	21 338	2 494	16$010	1,87	51,3
1839-40	1 383	20 176	2 657	14$590	1,92	46,7
DECÊNIO	*9 744*	*152 429*	*12 259*	*15$043*	*2,21*	*43,8*

A comparação dêstes dois quadros nos revela aspéctos interessantes, que vale a pena serem salientados. Em primeiro lugar, salta à vista o aumento prodigioso da exportação, em volume, que, de 3 178 000 sacas de 60 quilos, na década de 1821 a 1830, passou para 9 744 000, na década seguinte, de 1831 a 1840, ou seja, o triplo em dez anos. Em segundo lugar, a porcentagem do café em nosso movimento exportador foi cada vez maior, pois de 18,4 no primeiro decênio em questão, subiu para 43,8 no segundo, revelando assim um crescimento extraordinário ao mesmo tempo que uma participação significativa em nosso comércio exterior.

O valor por saca, em libras ouro, diminuiu, devido a vários fatôres relacionados com a crise financeira em que se debateu o primeiro Império e as Regências, mas refletiu-se em forma moderada nos valores em moeda nacional, se excluirmos os três anos culminantes da crise nacional (1821-1823), decorrentes da partida da Côrte portuguesa e do movimento da Independência. Pode-se dizer que houve certa estabilidade de preços e até mesmo pequeno ascenso a partir de 1824, o que fêz com que não se arefecesse o entusiasmo dos agricultores pela produção. Ademais, os altos preços dos primeiros anos do século XIX, não se devem ùnicamente à melhor taxa cambial do nosso mil réis de então, mas devemos buscar suas causas na enorme procura do produto no mercado internacional, elevando, dessa forma, sua cotação. Finalmente, em valor moeda nacional, a exportação total do decênio de 1821-30, rendeu 45 308 contos de réis, contra 152 429 contos de réis registrados no decênio de 1831-40, isto é, mais do triplo, correspondente, portanto, ao aumento já assinalado quanto ao volume. Mesmo o valor global em libras ouro triplicou, cotejando-se os dois decênios em questão, correspondendo assim, mais ou menos, à progressão observada em relação à quantidade exportada.

Êste enorme surto cafeeiro propiciou a expansão do nosso comércio exterior, cujo movimento, pelo Rio de Janeiro, segundo Horacio Say, citado por Taunay, foi o seguinte, em toneladas:

1834	131 479
1835	128 106
1836	148 398
1837	138 218

Em valor, de acôrdo com Liberato de Castro Carreira, a nossa exportação teve o desenvolvimento abaixo mencionado:

1833-34	33 011 :000$000
1834-35	32 998 :000$000
1835-36	41 442 :000$000
1836-37	34 182 :000$000
1837-38	31 511 :000$000
1838-39	41 598 :000$000
1839-40	43 192 :000$000

Se computarmos estas oscilações, tanto em volume quanto em valor, de nossas exportações, com as remessas de café para o exterior, verificaremos que elas refletem perfeitamente as variações destas, nos respectivos anos. É um movimento sincronizado que se registra, dada a influência do café em nosso movimento exportador.

Êstes dados do nosso comércio exterior servem para espalhar também a importância crescente que ia adquirindo o pôrto do Rio de Janeiro, por onde se escoava quase todo o nosso café, que foi visitado por 351 navios em 1822, por 470 em 1828, para alcançar 693 em 1837. Verificando êsse desenvolvimento marítimo, assinala Taunay, a respeito, que já a Guanabara era visitada então por tantos navios quanto dois portos da importância de Bordéus e Nantes juntos e o movimento comercial fluminense andava pela vizinhança do Havre (5).

As bandeiras dos navios que em maior número freqüentavam os portos brasileiros, eram inglesas com absoluta predominância, americanas, francesas e suecas.

A atividade do pôrto do Rio de Janeiro decorria, em grande parte, do embarque do café, como já vimos, ocupava considerável proporção em nossas exportações. Era êle realizado por negros musculosos, semi-nus; divididos em grupos, correndo a trote acelerado, levando as sacas de café na cabeça, ao ritmo de um chocalho, oferecendo espetáculo pitoresco, especialmente aos estrangeiros que os viam pela primeira vez. Eis como no-lo descreve um visitante que por aqui andou nos fins do período da Regência: "Os carregadores de café andam geralmente em magote de dez a vinte negros, sob a direção de um que se intitula capitão. São em geral os latagões mais robustos dentre os africanos. Quanto em serviço, raramente usam outra peça de roupa além de um calçãozinho curto; põem de lado a camisa, para não incomodar. Cada um leva na cabeça uma saca de café pesando cento e trinta e duas libras (73 quilos), e, quando todos estão prontos, partem num trote cadenciado que logo se transforma em carreira. Sendo suficiente apenas uma das mãos para equilibrar o saca, muitos dêles levam, na outra, instrumentos parecidos com chocalho de criança, que sacodem marcando o ritmo de alguma canção selvagem de suas pátrias distantes (6).

Além do Rio de Janeiro, outros portos marítimos pelos quais igualmente se escoava o café, porém, em muito menor escala, eram Parati, Jurumirim, Angra dos Reis, Niterói, Cabo Frio, Macaé e São João da Barra, sem falar nos portos fluviais que serviam como intermediários para remessa do produto às cidades ou portos de exportação. Na parte sul, exportavam café Ubatuba, Santos, São Sebastião e Paranaguá.

Fato digno de ser mencionado na questão, relativo ao comércio do café, pela importância cada vez maior que iria adquirir até os nossos dias, é a que se relaciona com os negócios com os Estados Unidos da América do Norte. Em 1809 chega aos Estados Unidos o primeiro carregamento de café brasileiro composto de 1 522 sacas. Em 1825 essa quantidade passa para 16 925 sacas ascendendo a 91 207 em 1830 a 223 595 em 1835 para atingir 296 289 sacas em 1840. Estas quantidades representam 23% da produção brasileira em 1825 e 1830 subindo respectivamente para 28% e 27,5% em 1835 e 1840 (7). A importação de café brasileiro por habitante nos Estados Unidos representava uma onça em 1821 crescendo para uma libra em 1831 alcançando três libras e 80 em 1841 demonstrando aumento rápido de nossas exportações para a grande República do Norte e ao mesmo tempo aceitação cada vez maior do produto nacional em seu mercado. Evidencia êsse movimento a penetração do café nos costumes do povo norte-americano e a conquista de formidável praça para o artigo que se transformaria com o correr dos anos no produto preponderante de nosso comércio exterior que encontra naquele país seu maior consumidor e comprador. O chá deixava de ser para o ianque a bebida preferida ocupando seu lugar o grão moído da *coffea arabica* na denominação de Lineu.

O desenvolvimento da cultura do café obrigou à abertura e melhora de muitas estradas pelo interior tornando ao mesmo tempo mais intenso o seu tráfego levando à construção de trechos calçados e dotando-se algumas delas de notáveis obras de arte. Pela sua importância distinguiram-se entre outras a estrada da Polícia e do Rodeio ligando a Côrte a Rio Prêto na fronteira de

Minas Gerais a do Comércio que ligava Iguaçu a Ubá sôbre o rio Paraíba passando por Pati do Alferes; as estradas que partiam do pôrto de Estrêla uma em demanda dos rios Prêto, Fagundes e Piabanha, e outra demandando um pôrto sôbre o rio Paraibuna, além de outras numerosas. Parte considerável das rendas provinciais era aplicada nas construções dessas estradas, mas igualmente emprêsas especializadas e particulares chamavam a si a execução de muitas vias de comunicação, permitindo, assim, a movimentação do trânsito pelo interior num verdadeiro surto de penetração e atividade comercial.

Ao longo das estradas principais localizam-se numerosas fazendas, partindo delas estradas secundárias muitas ligando entre si várias zonas servidas por mais de uma estrada de escoamento para os portos.

Os transportes eram feitos em carros de boi e quando as distâncias eram excessivas em tropas de burros.

Nessas condições as rendas das ''barreiras'' cobradas para construção e manutenção de estradas alcançavam cifras consideráveis.

Dos vários portos o café era transportado em faluas lanchas e canoas grandes para o pôrto do Rio de Janeiro (8).

A utilização das tropas de muares para o transporte do café deu considerável impulso ao ramo da pecuária da criação dêsses animais, que se vinha acentuando desde princípio do século XVIII para atingir seu apogeu em meados da centúria seguinte. Enormes pontas de mulas e burros dos campos do atual Paraná da antiga comarca de Curitiba do Rio Grande do Sul, do Uruguai e da mesopotâmia correntina e entrerriana começaram a afluir para Sorocaba que se transfomou no grande mercado distribuidor dêsses animais. Dêsse modo a feira de Sorocaba, que se tornou famosa e desempenhou papel de relêvo em nossa história econômica, constituiu-se numa espécie de entreposto nacional do sul do Brasil e centro de grandes negócios de tropas. Os vendedores em maior número eram paranaenses e rio-grandenses do sul e entre os compradores sobressaiam os mineiros que vendiam suas tropas muitas vêzes até no norte do país. Spix e Martius contam terem visto animais vindos do sul no sertão da Bahia

Entre os meses de abril e maio de cada ano realizavam-se os grandes negócios na feira de Sorocaba dando à cidade feição peculiar movimentando-a durante algum tempo de modo a subrepujar até muitas capitais de província com espetáculos e diversões dos mais variados, girando o dinheiro em somas avultadas.

Ao lado dos vendedores e compradores de animais, com seus escravos, afluíam à cidade paulista comerciantes dos mais diversos tipos, companhias teatrais e circos de cavalinhos, aventureiros de tôda espécie, jogadores, prostitutas e tôda essa malta de gente que acorre aos lugares de dinheiro abundante e fácil vivendo de especulações lícitas e ilicítas, não faltando os mendigos pedintes, irmãos de opa recorrendo aos transeuntes para as festas de santo, construção de igrejas, promessas várias etc.

O transporte de tropas de tão grandes distâncias era um trabalho rude, devendo os tropeiros suportar intempéries, atravessar regiões desertas, cheias de animais ferozes e por vêzes, índios selvagens, constituindo uma vida eivada de perigos, sobressaltos e sofrimentos exigindo qualidades excepcionais físicas e morais. Mesmo assim pelos lucros que proporcionava muitos se dedicavam a ela

negociando-se em Sorocaba de 40 a 50 mil animais por ano num conjunto que somava de dois a três mil contos em moeda da época.

Os direitos cobrados por cabeça de muar entrado em Sorocaba eram de 3 500 réis, dos quais mil réis revertiam aos cofres rio-grandenses, comprovado a legalização de uma guia expedida pela barreira de Santa Vitória em triplicata e para um só efeito a fim de se evitarem manobras de malversadores. Metade dos 2 500 réis restantes era arrecadada como direitos do contrato para o arrendatário do impôsto trienalmente lançado na praça e a outra metade constituia os direitos de casa doada, impôsto originàriamente criado em benefício de quem abrira a estrada de São Paulo ao Sul e mais tarde incorporado às rendas provincianas paulistas. Os 3 500 réis, taxa muito elevada para Saint-Hilaire, correspondiam no seu tempo a 21 francos e segundo Taunay equivaleriam hoje a mais de 50 cruzeiros (9).

Estas rendas concorreram para a receita provincial de São Paulo em 1838 de acôrdo com os dados estatísticos de Daniel Pedro Müller com 81:869$950. Além disso os animais eram novamente taxados ao entrarem na província de Minas Gerais.

Estas taxas variadas e elevadas influiam muito na economia rio-grandense, o principal centro criador e exportador de muares, provocando descontentamento entre criadores e tropeiros sendo que êstes descontentamentos "encontraram veemente eco nas páginas da literatura revolucionária dos farrapos. Proclamações e manifestos traduzem o queixume dos criadores contra as exorbitâncias do fisco imperial que parecia induzido a promover o aniquilamento da criação muar rio-grandense" (10).

O fato magno contudo que nos cabe aqui registrar salientando-o é a importância que os muares e sua criação desempenharam em nossa formação histórica. Como diz Taunay "sem a organização das feiras de Sorocaba apoiada na indústria eqüina do sul do Brasil e regiões castelhanas adjacentes, a lavoura do café não teria podido alcançar o enorme surto que lhe conhecemos antes do estabelecimento da rêde ferroviária" (11).

De fato, foi no lombo de burros e mulas que se transportou quase todo o café do interior para o costa marítima pois como observa Calógeras "se excetuarmos o Recôncavo baiano no qual a multiplicidade de rios navegáveis facilitava o emprêgo de verdadeiras esquadrilhas de embarcações o grande o quase único elemento de transporte utilizado foram os muares". Segundo o viajante Fletcher, entre S. Paulo e Santos em meados do século passado havia 200 mil bêstas fazendo o transporte anual. Outros viajantes que percorreram a estrada entre Rio de Janeiro e Minas Gerais contavam às centenas os animais de carga das tropas que diàriamente encontravam em seu trajeto.

O impulso tomado pela lavoura cafeeira suscitou outro problema não menos importante pára sua existência e desenvolvimento; a necessidade crescente de mão-de-obra que como era costume no tempo foi procurada na escravidão africana levando ao aumento da importação de negros e ao deslocamento dêsses trabalhadores do norte para o sul. Antes tôda mão-de-obra importada da África vinha para os canaviais e engenhos do Norte e posteriormente para lavras auríferas e diamantíferas de Minas Gerais. Agora era a vez do café que necessitava de braços requerendo e absorvendo todo o disponível.

Os primeiros contingentes de que lançaram mão os agricultores de café,

após esgotar suas próprias reservas, foram as dos escravos de Minas Gerais, havendo também muita gente proprietária daquela província que, desiludida com a procura infrutífera de minerais, se transferiu para as regiões agrícolas, onde a produção cafeeira dava lucros mais do que compensadores trazendo consigo numerosos escravos, que foram utilizados na nova lavoura, abrindo nas nas florestas as vastas fazendas de café. ''Sem êsse considerável contingente de braços disponíveis — escreve Pedro Calmon — não poderiam criar em tão pouco tempo uma cultura tentacular, que impeliu para longe o maciço florestal, estendendo-se desde as cercanias da Côrte até as fraldas da serra de Mantiqueira'' (12).

Mais tarde, foi-se buscar os negros do Nordeste, quando a economia daquelas regiões entrou em decadência e haviam sido suplantadas pelas lavouras de café.

Com isto, os preços dos escravos subiram enormemente. Mas que importa! Os rendimentos proporcionados pela produção cafeeira compensavam perfeitamente ao fazendeiro os altos custos das máquinas humanas de trabalho. ''Léguas de florestas nada lhe custavam, porém, um prêto congo de enxada lhe saía a crédito, no Rio, por duzentos mil réis, ou fôssem, duzentas arrôbas de café'' (13). O escravo, entretanto, era tudo e integrava-se à propriedade como o gado e as benfeitorias. A terra era de quem a ocupava e o braço negro vinha valorizá-la. Antes das fazendas florescerem, valiam pela quantidade dos escravos que possuíam, depois de plantadas, valiam pelos mil pés que possuíssem e pelos negros nelas incluídos.

O afluxo de imigração do ''ébano'', por isso, toma vulto, estimado Taunay que, entre 1816 e 1851, não devem ter desembarcado no Brasil menos de um milhão de negros, dos quais seiscentos mil foram colocados nas lavouras de café, ou seja, mais da metade.

Quanto aos lucros que proporcionava o negócio negreiro, apresentava-se dos mais vantajosos. De acôrdo ainda com Taunay, uma ''peça'' custava ao traficante, adquirido aos sobas da África, um preço que variava entre 30 e 35 mil réis, pagos em artigos como pólvora, espingarda, machado, fumo e miçanga. Os armadores pagavam um preço de 40 mil réis por cabeça, desembarcada no Brasil, aos capitães de navio. E vendiam pelo dôbro ou pelo triplo cada negro importado, resultando daí, portanto, renda considerável, mesmo descontando a perda com os mortos em viagem, durante as longas travessias, nos porões infectos.

Êste negócio, porém, era fortemente taxado, rendendo 10% sôbre o valor de qualquer transação; montando tais impostos em 5$500 ao saírem do Rio de Janeiro, pagando nova contribuição idêntica ao atravessarem o rio Prêto e mais 600 réis de pedágio na ponte do Paraíba do Sul, de modo que, se um escravo era adquirido no célebre mercado humano do Valongo, no Rio de Janeiro, por 250 mil réis e revendido pelo comboeiro em Minas Gerais, o govêrno imperial recebia 61 000 réis nesta transação, ou cêrca de 8 libras esterlinas.

''Ora — comenta Taunay — como se vendiam 30 000 escravos, em média, no *hinterland* fluminense, o Tesouro auferia desta transação 240 000 libras esterlinas anuais, soma considerável, da qual, de um momento para outro, não poderia ser desfalcada a receita do país'' (14).

Dada a abundância de mão-de-obra escrava, não havia preocupação pelo

desenvolvimento da técnica no sistema de produção, não sendo, por isso, utilizadas quase máquinas e veículos nos trabalhos da agricultura. Criticando êsse aspecto do nosso atraso tecnológico, escrevia José Bonifácio: "Seria até caso de risota, se não fôra triste, verem-se filas de escravos carregando, à cabeça, cada qual a sua saca, quando o mesmo serviço se faria tão fàcilmente por uma carroça puxada por uma parelha de mulas ou uma junta de bois". Com efeito, tudo era realizado pelo negro e pelos processos mais rudimentares e primtivos conhecidos, não sendo despendido esfôrço algum para aliviar o pesado trabalho do pobre escravo. Na preparação do café, contudo, mais do que na do açúcar, se começava então a usar máquinas de socar, descascar e peneirar, máquinas essas já fabricadas no Rio de Janeiro. Na província do Rio de Janeiro eram correntes três processos para o beneficiamento do café: pelo pilão, pelo monjolo e batido a vara. Desde 1831, entretanto, multiplicaram-se os pilões movidos por fôrça hidráulica, havendo, no entanto, quem só dispusesse dos tardos monjolos, muito morosos em seu trabalho rudimentar. Já havia, porém, pilões em que se conjugavam ventiladores, constituindo isso enorme vantagem na limpa do produto. Os que nem monjolo possuíam, batiam o café com varas, como se pratica com o feijão, representando tal método um processo moroso e sendo, além disso, prejudicial à saúde dos trabalhadores.

A secagem era feita pelo trabalho dos terreiros, como se faz ainda hoje, com o amontoado à tardinha, depois da medição, a espalha pela manhã, pelo rôdo, em camadas de dois dedos de altura, revolvimento dos grãos sempre, para exposição ao sol, e novo amontoado ao crepúsculo ou à ameaça de chuva. Dois meses, e às vêzes mais, exigia o café para completa seca, mas uma chuva extemporânea que caísse, causava verdadeiro desastre.

A apanha realizava-se percorrendo a fila das árvores, pé por pé, fazendo em volta de cada árvore pequenos montes, a fim de impedir a dispersão dos grãos. A medida por apanha era de três a três e meio alqueire e mesmo quatro, nos anos de grandes safras. As mulheres eram mais eficientes do que os homens nesta faina. Cem arrôbas por mil pés davam as lavouras de três anos, declinando depois sua produção, sendo que os cafeeiros envelheciam precocemente na província do Rio, dando sinais de decrepitude aos vinte anos. Dois alqueires e meio de café com polpa ou três alqueires limpos, davam uma arrôba beneficiada, pronta para exportação.

Existiam numerosos lavradores que usavam plantar roças de milho, de feijão e mandioca nos cafèzais recém-formados, pois, as capinas dadas a estas roças aproveitavam muito aos cafeeiros, além de proporcionar mantimentos para os trabalhadores e os animais.

Quanto aos instrumentos de trabalho na agricultura em geral, reduziam-se à enxada, à foice e ao machado, mas também já se utilizava algum arado no amanho da terra.

Na província do Rio de Janeiro, onde maior era a prosperidade da lavoura cafeeira, havia, nos municípios de Marquês de Valença e Vassouras, os maiores centros de produção, fazendas de 500 a 800 mil cafeeiros, em 1835, exportanto, neste mesmo ano, os dois municípios sòmente, mais de 300 mil arrôbas de café.

As colheitas fluminenses entretanto, variavam muito em sua porcentagem, seguindo-se a uma boa safra, outra desfavorável ao fazendeiro não cauteloso.

Tal, em largos traços, o desenvolvimento da cultura cafeeira no Brasil,

na primeira metade do século passado e seu processo de produção. Lavoura itinerante, como a chamou Pedro Calmon, era doméstica e suburbana, em 1800, sendo cultivada apenas nos arredores do atual Distrito Federal; em 1810 atinge o vale do Paraíba, e em 1820 espalha-se pela terra fluminense; Minas Gerais em 1830; São Paulo em 1835, tranformando-se na grande riqueza nacional. Seu apogeu, no entanto, iria ser alcançado no presente século, em São Paulo, na famosa região das "terras roxas", contribuindo decisivamente para mudar a fisionomia do país.

(Continua no próximo Boletim)

CANSAÇO NA VISTA

Vulgarmente, dá-se o nome de "vista cansada", a dois estados diversos: um que geralmente ocorre depois dos quarenta anos, traduzido pela necessidade de afastar o objeto para vê-lo melhor; outro, caracterizado por uma sensação de pêso nas pálpebras, ardência e lacrimejamento, que sobrevêm após algum tempo de trabalho acurado. Em ambos existe um defeito que cumpre corrigir sob orientação do médico oculista.

Se notar que sua vista se cansa fàcilmente, ou que só enxerga bem longe, procure um especialista. — SNES.

A IRRIGAÇÃO DOS CAFÈZAIS

Raul Nina Guterres Soares

INTRODUÇÃO

O uso da irrigação, na cafeicultura, não caracteriza um estágio da evolução da técnica do cultivo da rubiácea. Antes, é mais o resultado da "aventura" da alguns lavradores que se lançaram a esta prática agrícola, com o objetivo de neutralizar a inclemência do tempo, tão adverso à produtividade dos cafèzais.

Na verdade, 82% da precipitação total anual média de 1235 milímetros, ocorre de outubro a março, no planalto paulista e seus vales interiores, com uma média mensal de 169 milímetros. Os restantes 18%, distribuidos nos seis meses estivais, de abril a setembro, correspondem a uma precipitação média mensal de apenas 36 milímetros! A chuva abunda num período e escasseia em outro. É a sêca sazonal, marcante característica climática de nosso Estado. (RINO NATAL TOSELLO)

Foi a falta de chuvas, portanto, que determinou a corrida para a irrigação. Não havia estudos que garantissem resultados econômicos com a regra dos cafeeiros, mediante equipamentos portáteis, mas os lavradores não titubearam e, logo, dezenas dêles adquiriram os aparelhos que se poderiam transformar na salvação da cafeicultura.

Esta iniciativa gerou discussões interessantes, originou opiniões controvertidas, suscitou dúvidas, criou céticos e entusiastas. Nada mais oportuno, assim, do que registrar inúmeros fatos, conceitos e experiências que se desenvolveram quando da introdução do regadio na cafeicultura.

A QUEDA DA PRODUÇÃO

Nos últimos anos a escassêz das chuvas se tornou tão gritante que os agricultores lhe transferiram totalmente a responsabilidade da queda de produção dos cafèzais. Esquecia-se que os solos de muitos cafèzais estavam erodidos e que o número de plantas defendidas pelos cordões em contôrno ainda não tinham expressão ante o total de cafeeiros plantados. Abandonava-se o problema da adubação orgânica, exigida em larga escala, para a resolução do qual não estavam aparelhadas nas fazendas; a harmonia entre as diversas explorações não existia, a proporção entre área de pastagens, número de cabeças de gado e quantidade de cafeeiros não era encontrada e o composto, produzido de forma empírica, era levado ao cafèzal em doses diminutas. A adubação química, era

mesquinha e os preços dos fertilizantes não indicavam que as doses cresceriam. Ao lado das deficiências de elementos maiores, começavam os estudiosos a chamar a atenção para os males causados pela escassêz dos elementos chamados menores. Ignorava-se, até, que as capinas, muitas vezes, se atrazavam porque faltava no momento oportuno a mão de obra; os cafeeiros, pouco incorporados, deixavam grandes espaços, onde as ervas daninhas se multiplicavam, fazendo-lhes concorrência e exigindo mais serviços na carpa. Não se combatia o "bicho mineiro", cada vez mais presente nos fracos cafeeiros. A queda da produção era atribuida à falta de chuvas. De água é que precisavam os cafèzais. E como prova aí estavam as produções de 30 e 40 sacos em côco, por mil pés, obtidas em anos de maior ocorrência de chuvas, em contraste com os 10 e 15 sacos dos anos ruins. Já se admitia como compensadoras aquelas que, nos bons tempos, não faziam vantagem.

Assim, não foi sem razão que muitas vozes se levantaram chamando a atenção para a realidade: irrigar sim, mas irrigar cafèzais em condições. Nada de deixar de lado as outras práticas tão importantes quanto a introduzida.

Duas correntes se formaram: uma recomendava a adoção do regadio sòmente em cafèzais novos ou bem conservados; outra admitia a irrigação em cafèzais aparentemente decadentes, desde que acompanhada do trato adequado à recuperação.

A idéia de irrigar, apenas, os cafèzais novos ou bem conservados não trouxe decepções aos seus adeptos. A água, quando não trazia um grande aumento na produção, sempre garantia um bom estado vegetativo aos cafeeiros, o que era promessa de futuras safras abundantes. Ora, como o cafeeiro frutifica, sempre, no ramo que se alongou no ano anterior, é evidente que o bom estado vegetativo contribuía para uma copiosa produção. E, ano após ano, as lavouras, tratadas e irrigadas, trouxeram bons resultados.

Os que se atiraram à irrigação de cafèzais depauperados justificavam a sua atitude com o seguinte argumento: o trato ao cafeeiro só pode ser dispensado quando se obtém lucros na colheita; assim, era preciso fazer o cafèzal produzir, para que houvesse lucros, e isto só era possível se não faltasse água. A conclusão era simples irrigação antes, para forçar produções que dessem rendimentos que permitissem tratar do cafèzal. Esta filosofia foi, afortunadamente, ou quem sabe infelizmente, auxiliada pela alta do café. A preços normais teria compensado irrigar cafèzais decadentes? Esta experiência, nos primeiros anos trouxe, para uns, apenas, desilusões e, para outros, criou verdadeiras "babel" nos cafèzais, com uma mistura de talhões produtivos e improdutivos. E quantos, acalentados com as melhores trazidas pela água, esqueceram-se da promessa de aproveitar o lucro para dar melhor trato à lavoura. E a irrigação, em lavouras sem outros cuidados, passou a ser mais um agente de destruição.

Nos dias atuais já se poderia fazer um levantamento dos verdadeiros resul-

tados que a irrigação dos cafèzais trouxe. Há lavouras que já vêm recebendo o benefício dessa prática há mais de cinco anos e se esperava que os resultados completos da irrigação fôssem obtidos depois de, pelo menos, três anos de rega, quando teriam desaparecido os sinais marcantes da falta de água em épocas anteriores. O levantamento orientaria melhor as discussões, com reais benefícios para todos os agricultores, principalmente, para os que pretendem irrigar os cafèzais.

A SÊCA

Tècnicamente falando, entende-se por sêca, não a falta de chuvas, mas a deficiência de água do solo para atender a evapotranspiração (transpiração dos vegetais mais evaporação direta do solo).

Por isso mesmo, adimitiam alguns que, se fôsse possível, com o combate à erosão, determinar maior infiltração, e com fortes adubações orgânicas, dar aos solos a capacidade de reter a água por mais tempo, as lavouras teriam, durante as estiagens, umidade para a sua manutenção e estaria dispensada a irrigação. E, concluiam, como a falta de chuvas coincide com a época de descanço do cafeeiro, quando o vegetal não é muito exigente, não há necessidade de muita água no solo, muito menos de irrigação. Realmente o cafeeiro têm capacidade de tolerar as deficiências de chuvas. O seu sistema radicular permite a exploração de um grande cubo de terra que lhe garante boa quantidade de água. Lá por julho, entretanto, o cafeeiro começa a denotar sinais de falta de água. Alongar esta resistência era o problema...

Contra isto, além da opinião de certos autores, de que a matéria orgânica, embora propiciando melhorar condições aos solos, se retem mais água, também não a cede fàcilmente, existiam as seguintes observações: as anotações de propriedades, feitas durante vários anos, mostravam que as produções crescem com a abundância das chuvas no período maio-setembro e os resultados da experiência preliminar de irrigação (por sulco), levada a efeito na Estação Experimental de Ribeirão Prêto, demonstravam que realmente a rega traz resultados positivos.

WALTER LAZZARINI, baseado nos dados de precipitações no período maio-setembro e de produções de café nas fazendas Iracema, em Ribeirão Prêto, Experimental da Secretaria da Agricultura, em Ribeirão Prêto e Agudos, em Morro Agudo, organizou o expressivo quadro:

Número de anos de observação	Precipitação em mm	Produção em arrôbas por mil pés
23	0 a 100	15
16	100 a 200	40
3	200 a 300	48
4	mais de 300	76

Êste quadro insinuava que, tanto mais chovesse no período maio-setembro, mais café se colheria.

O resultado do ensaio preliminar de irrigação de cafèzal, levado a efeito em Ribeirão Prêto, é o seguinte:

Ensaio preliminar de irrigação de café

Ano	Quantidade de água de maio a setembro			Colheita dos anos	Produção arrôbas por 1000 pés		Aumento %
	Chuvas	Irrigação	Total		Irrigado	N/irrigado	
1944	7.4	?	—	1945	27	14	93
1945	73.9	191.0	264.9	1946	42	26	60
1946	99.7	216.2	315.9	1947	21	8	163
1947	214.1	338.2	552.3	1948	86	38	126
1948	55.5	214.1	269.6	1949	12	8	50
1949	65.9	319.6	385.5	1950	55	21	162
1950	34.8	458.4	493.2	1951	41	15	173
Média					41	19	110

"Por êsses dados se verifica que o aumento de produção é bastante elevado. A média das sete colheitas foi para o lote irrigado de 41 arrôbas por mil cafeeiros, contra 19 dos lotes não irrigados, portanto mais do que o dôbro. O menor aumento verificado foi de 50% no ano de 1949, que foi também o de pior produção e a maior diferença foi a do ano de 1951, com aumento de 173% quando todos os lotes haviam sido adubados". (WALTER LAZZARINI)

Não havia dúvida, portanto, de que a irrigação beneficiava os cafèzais. O que poderia haver era a não economicidade da aspersão na cafeicultura.

O MÉTODO DE IRRIGAÇÃO

O método de irrigação escolhido para os cafèzais foi o de aspersão, mediante equipamentos portáteis. Aliás, nêste ponto, não podia haver opiniões discordantes, pois, a irrigação por qualquer dos outros métodos não seria viável para lavouras cafeeiras, em nossas condições.

Os aparelhos eram importados e um grande número dêles se espalhou pelo interior paulista. Os primeiros equipamentos apresentavam condições para irrigar uma determinada área com uma precipitação de 25 a 30 milímetros, em intervalos de 30 dias. Maiores chuvas artificiais só poderiam ser aplicadas em intervalos mais longos.

Surgiram, então as observações de que os problemas de engenharia estavam suplantando os aspectos agronômicos no planejamento dos conjuntos de irrigação. Nasceram as discussões sôbre quantidade de água a aplicar, períodos de rega e época de início do regadío.

Os dados experimentais não existiam, logo, era necessário aceitar valores, de certa forma empíricos, estabelecidos com base nos conhecimentos que existiam em relação à planta, ao solo e ao clima.

A QUANTIDADE DE ÁGUA

Os 30 milímetros mensais que foram aplicados em várias lavouras não trouxeram resultados de abismar, mas não arrefeceram o entusiasmo dos cafeicultores. Os fracassos e os pobres resultados verificaram-se, principalmente, em lavouras mais velhas. Lavouras novas, ainda que irrigadas com esta quantidade de água, não deixaram de oferecer resultados razoáveis.

A adoção dêste dado teve a sua razão: economia na escolha do equipamento. Os lavradores desejavam regar tôda a lavoura, muitas vezes enorme, com o mínimo de despesas. A solução era a escolha de moto-bombas e canos adequados para as menores vasões possíveis.

Algumas pessoas, entretanto, procuraram justificar a aplicação dos 30 milímetros. Se, no período de maio a setembro, o cafeeiro está em repouso e se a rega é, apenas, de suplementação, não há razão para a aplicação de maior quantidade de água. Os equipamentos econômicos são realmente os que possibilitam a aplicação de 30 milímetros, diziam os partidários dessa precipitação mensal.

O quadro organizado por WALTER LAZARINI, mostrando que água e produção caminham juntos, recomendava, entretanto, maiores aplicações. É verdade que chuva não custa dinheiro e não se sabia qual a máxima quantidade de água que se poderia aplicar, econômicamente, na irrigação. O bom senso, entretanto, indicava que os 30 milímetros eram poucos para um bom aumento de produção. Qual era, porém, a máxima aplicação econômica? Não havia resposta fundamental para essa pergunta.

Os que indicavam maior precipitação não sabiam, porém, fixar a quantidade exata. Para estimar essa quantidade, com bases técnicas precárias, foram tomados como pontos básicos: a transpiração dos cafeeiros, estudada por COARACY FRANCO; a zona explorada pelas raízes dos cafeeiros, também determinada por COARACY FRANCO; as características físicas dos solos; e a perda de água durante a aspersão.

POR QUE ÊSTES PONTOS BÁSICOS?

1. FRANCO e INFORZATO, no Instituto Agronômico de Campinas, verificaram a transpiração do cafeeiro em ótimas condições de umidade. Os dados obtidos por aquêles pesquisadores são os seguintes:

Transpiração do cafeeiro

Mês	Equivalente em queda pluviométrica (mm)	Por área m^3/ha
Janeiro	50	496
Fevereiro	41	409
Março	51	510
Abril	50	504
Maio	53	531
Junho	36	357
Julho	39	389
Agosto	46	462
Setembro	56	560
Outubro	56	562
Novembro	63	632
Dezembro	52	522

Com base nêste estudo verifica-se que, em média, observado o comum espaçamento em que são plantados os cafeeiros, são necessários cêrca de 50 mm mensais, corespondentes a, mais ou menos, 500 litros de água por planta, para contrabalançar a transpiração.

A estimativa média anual das exigências de evapotranspiração (transpiração) das plantas mais a evaporação do solo) é da ordem de 1080 milímetros, 61% dos quais distribui-se no período de outubro a março, com uma média mensal de 110 milímetros e os restantes 39% no de abril a setembro, com média de 70 milímetros mensais. Comparando-se as médias de precipitação com as de exigências de evapotranspiração, chega-se a conclusão que no período chuvoso há um excesso mensal médio de 50 milímetros, enquanto no período estival há um deficit mensal médio de 34 milímetros! (RINO NATAL TOSELLO)

Os números apresentados realmente, aconselhavam uma precipitação superior a 30 milímetros. E, na prática, o que se verificava era que as irrigações de 25 a 30 milímetros, por mês, não mostravam os bons resultados das aplicações superiores a 50 milímetros mensais. Isto, naturalmente, porque, deduzidas as perdas, por evaporação direta da água aspergida, por evaporação da água do solo, por transpiração das ervas más, restava, no caso de pequenas precipitações, pouca água para as necessidades dos cafeeiros.

2. Ainda de COARACY FRANCO é o estudo da distribuição do sistema radicular do cafeeiro nos solos paulistas. Segundo aquêle autor, as raízes do cafeeiro se desenvolvem, predominantemente, na camada de solo cuja profundidade é de 60 centímetros. Evidentemente, para esta camada de solo é que se deve calcular a quantidade de água da irrigação. Aplicar água, com tamanha intensidade, que venha a ultrapassar a zona de exploração das raízes, é desperdiçar trabalho e dinheiro.

3. A quantidade de água de uma rega deveria ser estipulada, sempre, de acôrdo com os balanços de água do solo. O dado básico para a escolha do equipamento, entretanto, pode ser tomado, de um modo geral, segundo as características físicas do solo, respeitada a profundidade da zona de exploração das raízes do vegetal. Assim, é imprescindível o conhecimento do "ponto de murchamento" e da "capacidade de campo" de cada solo, características físicas que permitem seja estabelecida a capacidade de armazenamento de água disponível para as plantas. Na falta da "capacidade de campo", outro coeficiente físico — a "umidade equivalente" — pode ser tomado como limite superior da quantidade de água disponível do solo.

Quando se desconhecia os valores da "capacidade campo", os seguintes dados, obtidos na Seção de Agrogeologia do Instituto Agronômico de Campinas, serviram como elementos básicos:

Profundidade e tipo do solo	Umidade de murchamento % em volume	Umidade equivalente % em volume
Massapé-Salmourão		
0 — 40 cm	19.6	28.9
40 — 80 cm	23.7	34.8
Arenito Baurú		
0 — 40	7.5	11.0
40 — 80	11.0	16.2
Terra rôxa		
0 — 40	18.1	26.7
40 — 80	17.2	25.3

Êstes números revelaram que, respeitada a profundidade de 60 centímetros, os solos paulistas comportaram perfeitamente, precipitações superiores a 30 milímetros mensais.

Mais tarde as experiências viriam comprovar a hipótese.

Os estudos conduzidos nos 14 municípios cafeeiros do Estado de São Paulo parecem, definidamente, indicar que as exigências mensais médias de água do cafeeiro, nos meses de julho, agosto e setembro, situam-se entre 60 e 80 milímetros. Estas exigências estão estritamente associadas a temperatura média e, em menor grau à insolação, do que se depreende que normalmente, em

julho, as exigências sejam menores do que em agosto e estas menores do que as de setembro. Nos ensaios de irrigação pela aspersão mencionados, aplicações de água a base de 70 milímetros mensais, descontando-se as chuvas eventualmente caidas, não promoveram perdas de água por infiltração profunda, fora do alcance do sistema radicular dos cafeeiros, conforme é atestado pelo contrôle de umidade do solo feito antes e após as aplicações de água. Êste fato contraria opinião mais ou menos difundida e alardeada, de que a irrigação promoveria um maior fluxo de água ao lençol frático, favorecendo a alimentação de açudes e garantindo a permanência das fontes de água subterrânea. Nas condições climáticas normalmente adversas de nosso planalto e vales interiores, as deficiências de água são grandes demais para que as aplicações deficitárias, geralmente computadas a base de 25-35 milímetros mensais, cubram os "deficits" de água do solo e sobrem ainda para o lençol freático, maxime, em se considerando que há, ainda, perdas substanciais de água durante e logo após as aplicações. (RINO NATAL TOSELLO)

4. As perdas diretas na aspersão, que os autores americanos apontam como sendo da ordem de 20% (média), também depunham contra as pequenas aplicações. Admitindo-se que a perda direta, em nossas condições, seja dessa ordem, a aplicação se reduziria, no caso de 30 milímetros, a 24 e, no caso de 25 milímetros, a 20. Ora, se aplicações de 15 milímetros, segundo RINO NATAL TOSELLO feitas em dias quentes, resultaram em pequeno acréscimo da umidade do solo, em amostragens procedidas três dias após as irrigações, pouco mais se poderia esperar de aplicações de 25 e 30 milímetros.

O TURNO DE REGA

O turno de rega, isto é, o lapso de tempo que decorre entre uma entrega e outra de água ao cultivo, é dado pelo tempo que leva o solo para chegar ao ponto de murchamento — melhor um pouco antes —, do que se infere que os turnos tècnicamente considerados não são espaços rigorosamente iguais, já que a transpiração do vegetal se modifica de acôrdo com o desenvolvimento foliar e com as condições climáticas. O turno de rega deveria ser obedecido de acôrdo com os balanços hídricos do solo, mas, na prática, o comum é trabalhar dentro de intervalos rígidos prestabelecidos.

No caso da irrigação dos cafeeiros, na falta dos dados experimentais, o turno de rega foi estabelecido empìricamente e as opiniões variaram desde 10 dias até 30. Aquêles que, contando com equipamentos para aplicações de 30 milímetros, adotaram intervalos de 30 dias, obtiveram maus resultados e verificaram que ao reiniciarem a operação as plantas já denotavam sinais de deficiência de água. Os que utilizaram equipamentos idênticos, porém, em intervalos mais curtos, embora irrigando áreas menores do que as previstas, auferiram melhores resultados. Para os que adquiriram equipamentos com maior capacidade, o intervalo de rega, geralmente, adotado, foi o de 20 dias, que trouxe bons proveitos.

O INÍCIO DA IRRIGAÇÃO

As opiniões divergiram profundamente quanto ao período de irrigação. Para uns a irrigação deveria suceder, imediatamente, ao período das chuvas.

O quadro organizado por WALTER LAZARINI não indicava que quanto mais chuvas no período maio-setembro, maiores eram as produções? Para outros, porém, só em agosto se deveria utilizar a irrigação.

Na verdade, se o quadro daquele técnico, organizado com elementos colhidos nas anotações de três fazendas, fôsse confirmado em ensaios conduzidos nas estações experimentais e se, em estudos econômicos ficasse comprovado que os aumentos obtidos eram significativos, não restariam dúvidas de que haveria vantagens em prosseguir as precipitações naturais mediante as artificiais. A única desvantagem estaria na desuniformidade da carga, pois, dessa irigação constante adviriam maior número de floradas e maior precocidade na floração. Ora, se os aumentos fôssem compensadores, não haveria mal em que se perdessem os frutos da florada precoce. Os velhos fazendeiros, nos tempos das produções abundantes, não se incomodavam com os frutos que rolavam com a chuva. As produções compensavam.

Alegavam outros, porém, que "para ter o amadurecimento apropriado é necessário evitar a vegetação e consequente florada antes de agosto". Opiniões paralelas eram de que, como a necessidade de água para o vegetal não é uniforme durante seus períodos de vida e como o excesso pode provocar elevada produção foliar em detrimento da carga de frutos, o regadio só deveria ser feito de agosto em diante. Contra a suposição de que as chuvas abundantes, no período maio-setembro, aumentam a produção, levantaram o fato de que essas precipitações vêm acompanhadas de frio que evita o desenvolvimento foliar e a florada precoces.

Um meio têrmo entre essas duas opiniões foi encontrada por alguns cafeicultores: quando as chuvas deixavam de cair em abril, a irrigação era feita até meados de junho, quando era interrompida, só voltando em agosto; assim, pensavam evitar a florada precoce, garantindo, porém, a água abundante para o cafèzal.

Para RINO NATAL TOSELLO a água armazenada nos solos massapés, roxa e arenito Baurú, mais as precipitações normalmente verificadas, seriam suficientes para mitigar a sêde dos nossos cafèzais, nos três primeiros meses de estilo. De outro lado, nos meses de julho, agosto e setembro, as variações de produção são fortemente governadas pelas variações de precipitação.

A análise dos dados, com os quais WALTER LAZARINI organizou o sugestivo quadro da relação de chuva e produção, não permite uma conclusão de que maiores precipitações no fim do período maio-setembro vêm acompanhadas de mais abundantes produções. As boas produções se verificaram em anos de precipitação abundantes no período maio-setembro, indiferentes, porém, à distribuição das chuvas dentro deste espaço de tempo. Aliás, a mesma análise não confirma a opinião de alguns lavradores de que as chuvas decisivas são as do mês de agosto. Produções razoáveis foram colhidas em anos de precipitação nula em agosto.

O VALOR DA ASPERSÃO

Um levantamento geral, da opinião dos cafeicultores que adotaram a moderna prática agrícola, traria, sem dúvida, um voto de louvar à irrigação por aspersão. As opiniões contrárias seriam quasi que exceções e se deveria procurar conhecer de perto, os cafèzais que não corresponderam a rega. Algumas difi-

culdades seriam apontadas, pois, a irrigação extensiva, como vêm sendo feita nas lavouras paulistas, trouxe vários problemas. Tôdas estas dificuldades deveriam ser arroladas e estudadas para que as soluções fôssem propostas e os novos sistemas não mais apresentassem defeito ou os tivessem em mínima significação.

Nem se pense que a irrigação só é útil em anos ruins e que os equipamentos fica nos depósitos nos anos bons.

Experiências de irrigação pela aspersão de cafèzal, já instaladas pelo Instituto Agronômico de Campinas, nas estações experimentais de Ribeirão Prêto e Pindorama, revelam que mesmo num inverno tido como favorável para o cafeeiro, como o foi o de 1953, a irrigação não teria sido dispensável (RINO NATAL TOSELLO).

Na verdade a irrigação por aspersão têm como ponto desfavorável o alto custo do aparelhamento necessário. As lavouras rendosas, porém, não deixarão de amortizar ràpidamente as despesas. O boletim da sub-Divisão de Economia Rural apresentou, em novembro de 1952, um estudo preliminar sôbre a parte econômica da irrigação de cafèzal, baseado em dados fornecidos por sete fazendas. A conclusão, publicada na época em que os equipamentos eram adquiridos ao dollar oficial (Cr$ 18,60) e o café vendido a mais ou menos Cr$ 1.050,00 por saco de café beneficiado, foi a seguinte: "As perspectivas que esta técnica apresenta para a melhoria da produção de café, são bastante favoráveis porque bastará iriversão de apenas Cr$ 1.470,55 por mil pés para quatro aspersões de 25/30 mm. Para pagamento dêsse aumento no custo da produção da lavoura cafeeira basta que essa nova técnica adotada, aumente a produtividade do cafèzal de apenas 1,27 sacos beneficiados em média por 1000 pés". Estudos semelhantes, se feitos no momento atual, sem dúvida, ainda recomendarão a aspersão dos cafèzais. A dificuldade, porém, está no grande empate de capital inicial, pois, não existe um financiamento adequado. Êste o problema mais sério a resolver.

O FUTURO DA ASPERSÃO DOS CAFÈZAIS

Se os primeiros passos da irrigação por aspersão, nas lavouras cafeeiras, foram acompanhados pelo empirismo e controlados, apenas, pelo bom senso dos lavradores e de alguns técnicos, agora, quando o Instituto Agronômico de Campinas já há três anos vêm desenvolvendo ensaios experimentais e quando já se podem colher resultados positivos de cafèzais irrigados nêstes últimos cinco anos, sob normas técnicas, melhor poderá se desenvolver o moderno sistema de rega, ocupando lugar de destaque na recuperação da cafeicultura e na campanha de aumento de produtividade.

CONCLUSÃO

A distribuição das chuvas, no planalto paulista, apresenta uma dificiência no período estival, não recebendo os solos o suprimento de água necessário para contrabalançar a evapotranspiração. A falta de água, entretanto, não pode ser considerada como a única responsável pela queda da produção cafeeira.

A irrigação deve ser uma prática, entre outras, adotada na racionalização da lavoura cafeeira, com vista ao aumento da produtividade.

A irrigação por aspersão já deve passar da fase do empirismo para a da estrita técnica. Maiores recursos deveriam ser destinados à experimentação da irrigação dos cafèzais.

Os órgãos oficiais deveriam fazer um levantamento dos resultados reais da aspersão nas lavouras cafeeiras e dos problemas e defeitos que aparecem durante o funcionamento dos sistemas empregados.

Deveria ser criada uma comissão, composta e técnicos oficiais e particulares, especializados em irrigação por aspersão, destinada a estudar os dados coligidos, no referido levantamento, e fixar normas mínimas para os equipamentos de irrigação.

Com base no resultado do levantamento e em face do relatório da comissão, o Govêrno deveria lançar um sistema de financiamento realmente adequado para para a aquisição e equipamentos de irrigação.

LAVRADOR:

Os cafés que *sobram* nos mercados mundiais, são os do Brasil. E, dentre êles, os de tipos inferiores.

Cafés bem apresentados, sem impurezas, são todos vendidos, desde os *Arábica* da América Central até os *Robustas* da África.

Produzir cafés finos é patriotismo e é negócio!

POSIÇÃO PARA DORMIR

Muitos indivíduos, por fôrça do hábito, só conseguem dormir com as pernas e o corpo encolhidos. Mas em tal posição ficam comprimidos o pulmão e o diafragma, dificultando a respiração, bem como a circulação do sangue nos membros. São êsses alguns dos motivos por que várias pessoas acordam, de manhã, com a impressão de cansaço sentida antes de dormir.

Habitue-se a dormir com o corpo distendido, para que o organismo aproveite convenientemente as horas de sono. — SNES.

Resumos e Transcrições

CAFÉ NO CONGO

ALCIDES CARVALHO

É interessante notar que os cientistas europeus dedicam atenção cada vez maior ao continente africano, procurando, nestes últimos anos, dar uma nova orientação aos trabalhos com as plantas perenes como o café, cacau, borracha e dendê. Haja vista ao que vêm acontecendo com o Congo Belga, segundo observação de Euverte, que visitou a região em 1953.

Dois órgãos oficiais estão incumbidos dos trabalhos de melhoramento do café no Congo Belga: o INEAC (Institut National pour l'Etude Agronomique du Congo Belge) e os Escritórios do Serviço de Agricultura do Congo Belga (Office du Café Robusta de Léopoldville; Office du Café Arabica du Kivu á Goma e Office du Café Arabica du Ruanda-Udundi).

O INEAC é um instituto de pesquisas agronômicas diretamente ligado à metropole. O seu conselho administrativo compreende representantes dos agricultores do Congo Belga, dos pesquisadores e do INEAC. Na África, sob as ordens do diretor-geral, há oito direções regionais (compreendendo as estações regionais) e o centro principal de pesquisas de Yangambi, perto de Stanleyville. Na Estação Experimental de Yangambi trabalham mais de 130 técnicos europeus, número que deverá alcançar 200, dentro em pouco.

A organização de Yangambi pode ser resumida do modo seguinte: a) Serviços gerais de administração; b) Conjuntos de pesquisas. Estes compreendem: 1) Divisão de Plantas Perenes como Hevea, Dendê e Divisão de Café e Cacau; 2) Plantas Hortícolas e Mecanização; 3) Hidrobiologia; 4) Agrostologia, Fitopatologia e Genética; 5) Climatologia e 6) Agrogeologia e Pedologia.

Uma comissão de coordenação dos trabalhos experimentais se reune duas vêzes ao ano, a fim de discutir os programas de cada Divisão.

A Divisão do Café de Yangambi conta oito especialistas europeus, os quais se dedicam a trabalhos de melhoramento e ensaios culturais. Para dar idéia da extensão dos trabalhos em andamento, pode-se citar que os trabalhos de seleção, que compreendem coleções, viveiros clonais e ensaios de progênies, ocupam uma área de *103* hectares e os ensaios de carater agronômico ocupam uma área de 99 hectares, num total de mais de 200 hectares, sòmente para o cafeeiro! Para êsses trabalhos contam 200 operários durante todo o ano. Os trabalhos de seleção começaram a ser ampliados em 1933, a partir da coleção da antiga Est. Exp. de Lula (perto de Stanleyville.) A introdução de variedade de Java permitiu isolar variedades particularmente notáveis, tais como L. 147, L. 251, L. 215, SA. 158, SA. 34, Y. O. 28, L. 48, L. 36, e L. 93. Os ensaios de adaptação local das variedades são feitos em várias estações experimentais do INEAC, localizadas em regiões produtoras de café Robusta do Congo, Yaekama, Bambesa, Boketa, Nepoko, Bongabo, Tshuapa, Lac Leopold II, Muumari, Kiyaka, Benalongo, e Gimbi. As melhores variedades são multiplicadas fàcilmente por enxertia.

O estudo da biologia da flôr do Robusta, a determinação do grau de auto-fecundação, da distância do transporte do polem etc. são feitos na Divisão de Genética.

Os ensaios culturais, em realização em Yangambi, relacionam-se com o modo de abertura da cova, plantação, trato do solo, idade de plantio, poda, etc. Há também trabalhos com plantas de cobertura, como Stylosanthes gracillis, batata doce e outras, e com a bananeira como cultura intercalar e fonte de matéria orgânica. Os ensaios de sombreamento são feitos principalmente com Groton mubango e Phyllanthus discoides. Há ainda ensaios em colaboração com outras Divisões, como o de cultura mista de seringueira e café e o estudo da traqueomicose em colaboração com a Divisão de Fitopatologia. Os ensaios de adubação são feitos em colaboração com a Divisão de Fisiologia, a qual, baseando-se em estudos de nutrição, formula adubações para os cafeeiros em vários estados de desenvolvimento.

O café Arábica é estudado em duas estações experimentais a de Mulungu, no Kivu, e a de Rubona, no Ruanda-Urundi.

Os escritórios do Serviço de Agricultura se limitam à fiscalização da qualidade do produto. Antes da exportação, o café é classificado em categorias definidas, de acôrdo com os característicos dos grãos e qualidade da bebida. O café Robusta é trabalhado em Léopoldville e o Arabica é tratado no Kivu e no Ruanda-Urundi. Os provadores de café do Escritório do Café Robusta de Leópoldville estão sempre em contacto com o chefe da Divisão de Café e Estação de Yangambi, a fim de permitir isolamento de variedades de café com bebida de boa qualidade e com boas características granulométricas.

(De "O Estado de S. Paulo")

APARÊNCIA QUE ENGANA

A fome é sinal de que o organismo está precisando de alimento. Deve, pois, ser saciada. O café e o álcool fazem desaparecer até certo ponto essa sensação, mas não evitam as conseqüências prejudiciais que a privação de alimentos acarreta.

Não procure matar a fome com café e bebidas alcoólicas, mas com substâncias nutritivas e variadas.

— SNES.

Qualidade incomum nos vegetais faculta às leguminosas tornar mais fértil o solo

Alaor PACHECO RIBEIRO

O aproveitamento do azôto do ar atmosférico enriquece a terra — Potássio, cálcio e fósforo — Facilidade para o enterrio da massa

Entre os leigos perdura a pergunta relativa à razão pela qual as leguminosas são consideradas capazes de melhorar a fertilidade dos solos. Isto decorre em virtude da faculdade que estas plantas possuem de retirar da atmosfera, uma parte do nitrogênio nela existente e adicioná-lo ao solo. E como o nitrogênio é necessário ao melhor desenvolvimento de qualquer cultura, aí está o motivo do enriquecimento do solo com plantações de leguminosas.

TRINTA TONELADAS DE MATÉRIA ORGÂNICA E MAIS DE OITOCENTOS QUILOS DE AZÔTO POR ALQUEIRE

Consoante informa o eng.-agr. Neme Abdo Neme, do Instituto Agronômico de Campinas, baseado em observações feitas em São Paulo, não apenas em ensaios experimentais mas também em culturas realizadas em propriedades particulares, as leguminosas mais indicadas para determinadas condições produzem, por alqueire, trinta toneladas de matéria orgânica de excelente qualidade. Êsse volume de massa sêca contém mais de oitocentos quilos de azôto (nitrogênio), grande parte do qual foi retirado do ar atmosférico. Em certos casos, tal aproveitamento chega a atingir o índice de 2/3. Para melhor avaliação desta ocorrência, basta dizer que um mesmo volume de estêrco encerra apenas trezentos quilos de azôto.

MELHORAMENTO DAS CONDIÇÕES FÍSICAS DO SOLO

Há também um aspecto importante do plantio de leguminosas e que diz respeito ao melhoramento das condições físicas do solo, quanto à sua estrutura. Tratando-se de plantas que ràpidamente têm suas raízes desenvolvidas em quantidade e em extensão, penetram elas profundamente no solo e no subsolo. A medida que se desenvolvem vão quebrando em tôdas as direções a camada dura de terra que não é atingida pelo arado. Desta forma, fazem as raízes das leguminosas melhor trabalho que as próprias máquinas encarregadas de atingir os setores mais profundos dos campos de cultura.

TAMBÉM POTÁSSIO, CÁLCIO E FÓSFORO

Mas as leguminosas não proporcionam ao solo apenas nitrogênio (azôto), mas também potássio, cálcio e fósforo. Segundo estudos realizados pelo eng.-agr. Neme Abdo Neme,

com a mucuna, "em terras cansadas, não muito pobres, as produções oscilam entre 50-80 toneladas de massa verde por alqueire, ou seja, 15 a 24 toneladas de massa sêca. Durante 9 anos, na Estação Experimental de Campinas a média anual foi de 80 toneladas de massa verde. Em terras novas, isto é, com poucos anos de cultura, as produções podem atingir 100-150 toneladas por alqueire, ou 30-40 toneladas de massa sêca".

Sabendo-se que uma tonelada de massa sêca dessa leguminosa contém em média 28 quilos de azôto, 20 quilos de potássio, 13 quilos de cálcio e 6 quilos de fósforo, podemos concluir como é ela igualmente importante na produção dêsses três outros elementos fertilizantes. Assim, se considerarmos como média de produção por alqueire, 30 toneladas de massa sêca, teremos para êsse volume: 340 quilos de azôto, 600 quilos de potássio, 390 quilos de cálcio e 180 quilos de fósforo.

CONTINUA A PROTEGER O SOLO MESMO DEPOIS DE CORTADA

A nova técnica adotada e indicada pelo Instituto Agronômico, através da Seção de Leguminosas, para o entêrro da massa, faz com que essas plantas continuem a proteger o solo mesmo depois de cortadas. Enquanto antigamente se recomendava o entêrro da massa ainda verde, o que significava mais trabalho e maior despesa, hoje preconiza-se deixar a massa no solo, em seguida ao corte, de maneira a transformar-se ao ar livre, no inverno e princípios da primavera. Sòmente depois de decomposta é incorporada à terra pela aração da primavera. Com isto evita-se o desenvolvimento de ervas más, preserva-se a umidade do solo e protege-se sua superfície com relação ao calor solar, numa época em que a vegetação é geralmente nula ou quase nula.

(Da "Fôlha da Manhã", S. Paulo)

REPOUSO ANTES DAS REFEIÇÕES

Comer quando se está fatigado é prejudicial. O cansaço geral reflete-se sôbre o aparelho digestivo, provocando diminuição dos movimentos do estômago e do intestino e da secreção dos sucos digestivos. Surgem, assim, a falta de apetite, o pêso no estômago, a prisão de ventre e outras perturbações.

Antes das refeições e, especialmente, à tarde, antes do jantar, repouse alguns minutos. — SNES.

CORDÕES EM CONTÔRNO PARA AUXILIAR A RESTAURAÇÃO DOS CAFÈZAIS

João Abramides NETO
(Engenheiro-agrônomo)

Um assunto muito focalizado nos últimos anos, e que vem preocupando os lavradores e homens públicos é aquêle que diz respeito à restauração dos cafèzais. Efetivamente, as colheitas médias de café nas lavouras velhas estão se reduzindo de ano para ano, atestando a necessidade de uma mudança no sistema de cultivo dessa rubiácea.

A restauração dos cafèzais combalidos pelo correr dos anos deve ser encarada, a nosso ver, sob dois aspectos principais: conservação do solo e adubação. Este binômio constitui o ponto capital do problema e nêle deve repousar todo o esfôrço no sentido de recuperação das lavouras. São práticas que se completam e, por isso, apenas a adubação, efetuada isoladamente das medidas conservacionistas, representa uma prática inconseqüente, com desperdício de tempo e dinheiro. De nada adiantará atirarem-se toneladas de adubos sôbre uma terra fadada a perder-se pelas lavagens sucessivas do solo. E' óbvio que a adubação deve ser efetuada, na maioria das circunstâncias, como um complemento das medidas conservacionistas. Do contrário, adubos e terras serão carreados para as baixadas, rios e várzeas, sem qualquer possibilidade de aproveitamento econômico.

As terras paulistas, em sua maior extensão, são topogràficamente desfavoráveis ao cultivo intensivo do que quer que seja. Conquanto tenhamos certas áreas bem constituidas sob êste ponto de vista, é evidente que grandes extensões de nossas principais lavouras abrangem terrenos declivosos muitas vêzes acidentados, acessíveis ao aparecimento e surto do fenômeno da erosão.

Uma das medidas mais eficazes, e que deveria ser utilizada mais amplamente pelos nossos cafeicultores (nas lavouras velhas, bem entendido) consiste na construção dos chamados "cordões em contôrno". Os cordões em contôrno são pequenos diques de terra em nível ou com pequeno declive dispostos em tôda a área plantada, de distância em distância, a partir do espigão até a baixada.

Cada cordão em contôrno consta de duas partes: um pequeno embancamento ou dique de terra com 40 a 50 centímetros de altura e um canal anexo, a montante, formado exatamente pela excavação da terra que serviu para levantar o dique. O canal apresenta uma seção trapezoidal e a largura do fundo deve medir de 30 a 40 centímetros.

As distâncias entre dois cordões consecutivos dependem da declividade do terreno e do tipo do solo. Nas terras de condições físicas e topográficas favoráveis (solos conpactos e suavemente inclinados) os cordões devem ser mais espaçados enquanto que nos solos íngremes e de fraca coesão, estas distâncias são mais reduzidas.

Neste artigo oferecemos uma tabela para espaçamentos entre cordões em contôrno. Para se determinar qual a distância que deve vigorar entre dois

cordões consecutivos, em qualquer cultura permanente, basta conhecer o tipo de solo e o declive do terreno.

Suponhamos que pretendemos construir cordões em contôrno num cafèzal situado numa terra roxa, cujo declive médio é de 7%. Consultando a tabela, na coluna da terra roxa, encontraremos 14 metros como distância entre um cordão e outro para êsse declive e êsse tipo de terra deve ser de 14 metros. Partindo do espigão e descendo pela encosta, marca-se o terreno com estacas de bambu, de 14 metros. Cada estaca representa um ponto por onde deverá passar um cordão em contôrno.

TABELA DE ESPAÇAMENTOS PARA CORDÕES EM CONTÔRNO EM CULTURAS PERMANENTES

Declive do terreno	TIPO DE TERRA			Declive do terreno
	Massapé ou salmourão	Roxa	Arenosa	
%	DISTÂNCIA EM METROS			%
1	40,0	35,0	30,0	1
2	30,0	30,0	28,0	2
3	26,0	25,5	25,0	3
4	21,0	20,5	20,0	4
5	18,0	17,5	17,0	5
6	16,0	15.5	15,0	6
7	14,5	14,0	13,5	7
8	13,5	13,0	12,5	8
9	12,7	12,0	11,7	9
10	12,0	11,5	11,0	10
11	11,5	11,0	10,5	11
12	11,0	10,5	10,0	12
13	10,5	10,0	9,5	13
14	10,5	9,7	9,3	14
15	10,0	9,5	9,0	15
16	9,7	9,2	8,7	16
17	9,5	9,0	8,5	17
18	9,5	8,8	8,3	18
19	9,2	8,6	8,1	19
20	9,0	8,4	8,0	20

Locação dos cordões — Consiste na marcação sôbre o terreno, dos pontos situados no mesmo nível. Isso se obtém por meio de um aparelho chamado "nível de borracha". Trata-se de um nível simples, baseado no princípio dos vasos comunicantes, prático, barato e razoàvelmente preciso. Munidos dêsse nível de borracha, três operários vão marcando as linhas de nível utilizando-se de estacas de bambu, de aproximadamente 50 centímetros, as quais vão sendo fincadas no solo.

Depois de concluido o estaqueamento, é necessário proceder a uma correção na linha estaqueada porque esta, muitas vêzes, coincide com os troncos dos cafeeiros e precisa ser desviada para cima ou para baixo. Quando a linha, de nível encontra o cafeeiro no centro, ou até 30 centímetros abaixo, a estaca deve ser deslocada para um ponto situado a montante do pé de café. Êsse deslocamento das estacas é o que se chama efetuar a correção da linha de nível e a sua execução garante, no futuro, um bom funcionamento dos cordões.

Construções dos cordões — Concluido o serviço de estaqueamento ou locação, procede-se à construção dos cordões, que consiste no levantamento de diques de terra.

Preliminarmente, um pequeno arado cava o primeiro sulco exatamente sôbre a linha estaqueada, derrubando as estacas e jogando a terra para baixo. O arado deve ser pequeno, reversível, de maneira a utilizar um único animal na tração (a fim de poder trabalhar sem embarações por entre os cafeeiros). Seguem-se a segunda, terceira e quarta passadas de arado, juntas, paralelas, a montante da primeira e sempre atirando a terra para baixo (daí a vantagem da reversibilidade do arado). Temos então quatro riscos de arado abrangendo aproximadamente uma largura de 80 centímetros; em seguida, estes quatro riscos de arado, que correspondem a quatro cordões de terra, são amontoados a enxada num único cordão, iniciando-se assim o levantamento do dique.

Novamente o arado percorre a faixa de onde foi retirada a terra, produzindo três novos cordões, os quais, por sua vez, são recolhidos ao cordão primitivo. Temos, portanto, uma valeta conjugada com um dique que constitui o que se denomina cordão em contôrno.

Posteriormente são efetuados alguns trabalhos complementares de acabamento e correção de nível. O acabamento consiste em conformar adequadamente o dique e a valeta e a correção destina-se a acertar os altos e baixos provenientes das imperfeições do terreno.

Convém acentuar que as dificuldades na construção dos cordões avolumam-se à medida que as terras vão apresentando maior compactibilidade. Isto quer dizer que nos solos argilosos a construção é mais trabalhosa do que nos arenosos, cujas partículas apresentam fraca coesão.

Outro ponto a ser considerado é o número de operários destinados à construção. Para que o rendimento seja integral, são aconselhadas vinte enxadas para cada arado. Um número maior, conforme revela a prática, dificulta a administração e prejudica o rendimento.

Conservações dos cordões — Não basta construir os cordões. A sua eficiência está ligada à sua conservação. Esta é realizada principalmente pelas carpas feitas adequadamente, evitando-se atirar a terra das imediações do canal para o seu interior. Dêsse modo, permanecerá sempre desobstruido e o dique será

mantido a uma altura adequada. Muitos lavradores realizam as suas carpas em sentido inverso, isto é, levando a terra capinada para o canal. Isto concorre para fazer baixar a altura do dique, reduzindo a sua capacidade de retenção.

O cordão tem por finalidade coletar a água das enxurradas e o solo por ela arrastado. Compreende-se que após as chuvas pesadas alguma terra fique retida no canal. Cumpre ao lavrador vistoriar, após as grandes chuvas, providenciando para que o solo retido no canal seja removido para reforçar a altura do dique.

As rupturas havidas por qualquer defeito de construção devem ser imediatamente reparadas, antes que assumam proporções mais graves.

Mediante essas providências simples de manutenção, os cordões em contôrno desempenham satisfatòriamente suas funções antierosivas e permanecem indefinidamente no terreno, compensado os dispêndios exigidos para a sua construção.

(Da "Fôlha da Manhã", S. Paulo.)

★

CULTIVO EXPERIMENTAL DE CAFE' NA ARGENTINA

O Escritório de Expansão Comercial do Brasil em Buenos Aires, em seu boletim semanal, informou que um telegrama de Salta, capital da província do mesmo nome na Argentina, anuncia terem sido obtidos bons resultados com o cultivo experimental do café naquela zona. Essa província se localiza na região norte do país e desde há algum tempo que se vêm realizando ensaios de café na zona subtropical da Argentina. Pelo que se informa, não obstante a notícia dos bons resultados com o cultivo experimental do café, o grande inconveniente seria de ordem climática, dada a frequência de geadas na zona. Assim, não se espera, na Argentina, uma produção econômicamente interessante. Em todo o caso, ajunta o Escritório de Expansão Comercial, o Ministério da Agricultura platino vêm assessorando os interessados na lavoura da rubiácea, que se mostram otimistas quanto à aclimatação de certas variedades bolivianas de café.

(Da "Fôlha a Manhã", S. Paulo)

SEMENTES DE CAFE' SELECIONADAS NA FORMAÇÃO DE NOVAS LAVOURAS

Acentua-se a preferência dos lavradores paulistas de café pela formação de novas lavouras paulistas de café pela formação de novas lavouras à base de sementes selecionadas pelo Instituto Agronômico de Campinas.

Segundo informam os agrônomos regionais da Secretaria da Agricultura, verifica-se que dentro dessa preferência, predominam as variedades "Mundo Novo" e "Bourbon" Amarelo. Em Barretos, por exemplo, o plantio, este ano, de novos cafèzais, foi feito quase que totalmente com sementes de "Mundo Novo". Bastante significativo também é o fato da Casa da Lavoura de Franca, até outubro último, ter vendido aos lavradores aproximadamente uma tonelada de sementes com predominância das variedades acima referidas. Assinala-se ao mesmo tempo que nas replantas das fôlhas dos velhos cafèzais ou na substituição dos cafeeiros inprestáveis e dos poucos produtivos estão sendo quase que invariàvelmente utilizadas, mudas originárias de sementes selecionadas do "Mundo Novo" e do "Bourbon Amarelo".

As informações de Jundiaí identificam no mesmo sentido o interêsse dos lavradores aparecendo também com destaque mais a variedade Bourbon Vermelho. Em outubro registrou-se alí escassez de mudas, tanto para replantas como para a formação de novas lavouras.

Na zona central do Estado, em Dois Corregos, prosseguia nos viveiros a semeadura e transplante para recipientes, verificando-se acentuada preferência pelo Mundo Novo e Bourbon Amarelo. Já nos municípios vizinhos de Brotas e Torrinha na maioria das novas lavouras alí instaladas aparece a variedade "Caturra" ao lado da "Mundo Novo".

(Do "Correio Paulistano")

DIFERENÇA FAVORÁVEL

Ao contrário do que acontece com os variolosos, os doentes de alastrim passam relativamente bem, mesmo no período em que a erupção é mais intensa. O tratamento e as medidas para evitar a propagação do mal, entretanto, exigem a assistência de um médico.

Em presença de um caso suspeito de variola ou alastrim, imediatamente chame um médico ou avise ao Centro de Saúde ou Posto de Higiente mais próximo. — SNES.

O CLIMA E O CAFÉ

HERNANI GODOY

O café, como sabemos, é plantado econômicamente entre o Trópico de Cancer e a latitude de 25° Sul. Além dêsses limites extremos, encontramos plantações isoladas com produções baixas e pouco remuneradoras (Santa Catarina). As áreas propícias à cultura, dentre os limites citados, são determinadas pelo clima e qualidade de solo.

Climàticamente, o café é uma planta tropical que se adapta às mais variadas condições. Apesar de tropical, não necessita de temperaturas elevadas. Se a temperatura média se conserva por muito tempo superior a 30° C, a planta padece e diminui seu rendimento. Ao contrário, também, o café não suporta por tempo prolongado temperaturas baixas, inferiores a 5° C. Entre êsses dois limites, teríamos o ideal para seu ciclo vegetativo, que seria entre 15° C a 25° C.

A amplitude diária da temperatura, isto é, a diferença entre a máxima e a mínima, não deve ser muito grande, (entre 10° C e 15° C). Fator meteorológico de importância primordial na cafeicultura é a pluviometria. As chuvas anuais são muito variáveis na zona intertropical. Nas regiões equatoriais chove, em geral, todo o ano. Distanciando-se porém do equador para os trópicos, nota-se a existência de uma estação sêca, que é variável, segundo a latitude. A quantidade anual de precipitação pluviométrica necessária ao café é de cêrca de 1200 a 1500 milímetros. Quando êsse limite não é alcançado, então a solução é a irrigação. Se, ao contrário, as chuvas são excessivas, torna-se indispensável a drenagem.

Ainda com relação ao regime pluviométrico, a sua distribuição durante o ano é de grande importância para a cultura cafeeira. Assim, nos arredores de Cali (Colombia), observou Schroder que se nota ali uma precipitação anual de apenas 1100 milímetros, embora o café se desenvolva bem porque o nível de água subterrânea é elevado e a distribuição pluviométrica é assaz regular durante os meses do ano, não se dando grandes sêcas, como acontece geralmente em São Paulo.

Nas regiões tropicais, as precipitações anuais entre 1500 e 2500 milímetros são consideradas em geral as mais propícias para o desenvolvimento do cafeeiro. Nesse caso, a distribuição da chuva durante o ano deve ser boa, com exceção do período da florada, quando o excesso de chuva é prejudicial. Sendo o café uma planta que, no seu "habitat" natural, vive protegida pelas arvores das florestas, procuram os cafeicultores fazer o sombreamento das plantações, regulando assim as condições climáticas. As árvores de sombra "peneiram", ou seja, reduzem a intensidade da luz e, também, da transpiração do cafeeiro, garantindo certo grau de umidade no ar. Os cafeeiros sombreados são também protegidos dos ventos violentos, das geadas e ainda têm o seu solo mais rico em húmus. O café necessita, enfim, para maior produção, de temperaturas favoráveis e precipitações adequadas.

Outro fator meteorológico de importância para a cultura, além da temperatura, chuva, vento, etc., é o brilho solar. Sabemos que a região

intertropical apresenta-se ensolarada apenas 2 ou 3 horas por dia. Nos limites dos trópicos ém São Paulo, Paraná e Sul de Minas, a duração diária da insolação é bem maior.

Nas zonas cafeeiras de São Paulo o limite inferior da queda pluviométrica anual é de mais ou menos 1200 milímetros, sendo as chuvas mal distribuidas durante o ano. A melhor distribuição na América do Sul é na Colômbia e na parte serrana da Venezuela, pois existem aí dois períodos de chuva, que são separados por duas pequenas estações que, embora de sêca, ainda se apresentam com chuvas esparsas. Em geral, produzem, após cada período chuvoso, uma florada. Não encontramos em todo resto da América do Sul distribuição semelhante.

Nas principais zonas cafeeiras de São Paulo, a distribuição não é tão favorável. A Secção de Climatologia Agrícola, do Instituto Agronômico de Campinas, vêm desenvolvendo pesquisas microclimatológicas em cafèzais de diversas zonas do Estado de São Paulo, e num futuro próximo esperamos chegar a conclusões interessantes sôbre o clima para o café.

Além da chuva e temperatura, são de grande importância para a determinação do microclima de um cafèzal os seguintes elementos atmosféricos: temperatura e umidade do solo, distribuição da umidade do ar entre as plantas e sob a "saia" do café, a incidência do vento etc. O estudo da leguminosidade têm grande importância para as plantações a pleno sol, que é a predominante no Estado. O vento é o inimigo da individualização do microclima. As grandes movimentações de massa de ar encobrem as diferenças dos tipos do microclima. Uma questão muito importante, e ainda não esclarecida, é a influência do vento na qualidade do café. E' também de grande valor numa plantação a distribuição vertical da temperatura do ar, assim como da temperatura do solo.

Numerosos são os fatôres a se estudar com relação ao microclima na cultura do café. Com os estudos que pela primeira vez estão se processando no Brasil, teremos elementos preciosíssimos para a análise mais perfeita do clima e, conseqüentemente, melhor conhecimento climático das várias regiões cafeeiras, principalmente as do Estado de São Paulo.

(De "O Estado de S. Paulo")

Há fatôres naturais que influem na produção dos *cafés de bebida*. Em certas regiões êles são produzidos com maior facilidade: são um produto expontâneo, por assim dizer.

Mas, isso não significa que bons cafés não possam ser produzidos também em zonas menos adequadas. Tudo depende de cuidado e de técnica, principalmente durante a colheita, a secagem e o beneficiamento.

O café na África Equatorial Francesa

No território Ubangui-Chari encontra-se atualmente uma das mais modernas estações experimentais da África Equatorial Francesa a Estação Central Agrícola de Boukoko. Foi criada em 1939 para investigar problemas relativos ao cafeeiro e atualmente compreende as Secções de Agronomia, Genética, Química e Pedologia, Fitopatologia e Entomologia.

Na Secção de Agronomia iniciou-se o estudo da Coffea canephora em 1953, o qual compreende ensaios de modo de plantio, adubação orgânica e mineral, plantas de cobertura, sombreamento, adubação verde, poda e culturas intercaladas como arroz e mandioca, nos três primeiros anos de formação do cafèzal. Como plantas de cobertura, três espécies vêm merecendo atenção especial: Tithonia diversifolia (composta), Mimosa invisa var. inermis (leguminosa) e Stylosanthes gracillis (leguminosa). Principalmente a última vem se comportando de modo muito promissor e foi introduzida do Congo Belga.

Os ensaios de adubação e de cobertura do solo são analisados pelos técnicos da Secção de Química e Pedologia, os quais efetuam observações sôbre a fertilidade, economia de água, estrutura do solo, permeabilidade e evolução da matéria orgânica no solo.

Na Secção de Genética realizam-se trabalhos sôbre melhoramento de C. canephora var. Nana. Os cafeeiros classificados com excelsóides, da espécie C. Dewevrei passaram para segundo plano, desde que são altamente suscetíveis à traqueomicose, moléstia que destruiu tôda plantação dessa espécie na região. O material de café Robusta, ora em estudos, é proveniente da estação de Lulla, no Congo Belga. Existem ainda em observações representantes de C. congensis, C. liberica, C. Stenophilla e outros. O principal objetivo da seleção hoje em dia não é mais a produtividade, mas a resistência á traqueomicose, que também atinge o café Robusta, porém menos intensivamente do que o Excelsa. Estudam-se também na Secção de Genética os característicos de florescimento e frutificação do Robusta, a transmissão de seus característicos, ensaios de autofecundação e hibridação, multiplicação vegetativa e estudos citológicos. Os resultados das seleções já permitiram que em 1952-53 fôssem distribuídas 280 kg de sementes selecionadas; 750 kg em 1953-54 e 2.000 kg em 1954-55.

Na secção de Fitopatologia investiga-se com grande intensidade a traqueomicose, responsável pela destruição completa do café excelsa e que era a base da produção cafeeira de Ubangui-Chari. A moléstia é causada pelo Fusarium xylarioides (forma perfeita Gilbberella carbunculária). Preconiza-se o tratamento preventi-

vo com derivados de cobre, porém a única solução viável consiste no emprêgo de variedades resistentes, pelo que se realizam numerosas inoculações artificiais em plantas novas de várias espécies. Como o excelsa é gen̈èticamente variável, é bem provável que possua algumas combinações resistentes, o que será de grande interêsse para a economia da região.

Na secção de Entomologia estuda-se o combate à broca do café, às brocas da haste — Bixadus sierricola e Ancylonotus tribulus e também os Antestiopsis lineaticollis var. intricata. A broca constitui problema grave no Ubangui e dois grupos de inseticidas vêm sendo usados com sucesso: os que têm por base o dieldrin e os com base no lindane.

Esta é, em linhas gerais, o programa dos trabalhos de Boukoko, que embora de recente organização, vem prestando incalculável auxílio à cafeicultura local.

(De "O Estado de S. Paulo")

★

PARA MELHORAR A PRODUÇÃO

Lavouras de café com sementes selecionadas

A formação de lavouras cafeeiras experimentais nas áreas de alguns Postos Agropecuários vêm sendo promovida pela Divisão de Fomento da Produção Vegetal, do Ministério da Agricultura. Para isso, foram escolhidos os estabelecimentos sediados em Guaramiranga, no Ceará; Bananeiras, na Paraíba; Canhotinho, em Pernambuco; Jaguaquara, na Bahia; Alfredo Chaves, no Espírito Santo; Itaperuna, no Estado do Rio; Maracaju, em Mato Grosso; e Rio Vermelho, em Goiás.

Segundo relatório dos técnicos, núcleos de 10 mil cafeeiros começaram a ser plantados naqueles Postos, no ano passado, à base de sementes das melhores progênies de "bourbon", "caturra" e "mundo novo". Para êste ano está programada a formação de mais 80 mil cafeeiros.

Contando, no presente orçamento, com um milhão e duzentos mil cruzeiros para a continuação dêsse trabalho a D.F.P.V. objetiva, assim, introduzir sementes selecionadas das variedades que revelem melhor aclimatação a cada região. Além da formação de lavouras precoces, realizará demonstrações sôbre práticas de conservação do solo em lavouras cafeeiras.

(Do "Diário da Noite", Rio de Janeiro.)

O Café Visto nos Estados Unidos

N.º 939 CARTA SEMANAL DO MERCADO 8 de Julho de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Tanto nos meios oficiais como nos meios comerciais, têm havido esta semana previsões de que continuará no segundo semestre de 1955 a prosperidade econômica atual dos Estados Unidos. Segundo o Departamento de Comércio, o ano de 1955 marcará um recorde novo na produção e nas vendas, a julgar-se por um estudo feito agora em mais de 400 indústrias de importância. No segundo semestre do ano, poucos setores, segundo as expectativas presentes, se mostrarão relativamente fracos, na economia geral. Têm havido, entretanto, alguma preocupação quanto à possibilidade de uma inflação, especialmente pelo fato de que a U.S. Steel Corporation anunciou um aumento médio de 5,8% em todos os tipos de seus produtos de aço, aguardando-se agora um aumento similar nas demais emprêsas mais importantes do mesmo gênero. O referido aumento foi anunciado poucas horas depois de ter a dita companhia assinado um novo contrato sindical, com aumento nos salários dos trabalhadores, os quais passarão agora a ganhar, em média, $2,48 por hora. Registrando-se também outros aumentos de salários em muitas outras indústrias, espera-se que no segundo semestre de 1955 se verifique um aumento geral nos preços da maioria dos produtos industriais. A porcentagem dos juros também têm aumentado, nos últimos meses, sendo êsse outro fator que contribui para a possibilidade da inflação.

Comércio com a América Latina: Os manufatureiros norte-americanos estão perdendo terreno para os seus competidores europeus e japoneses no mercado da América Latina, o qual representa o consumo de mercadorias dos Estados Unidos avaliadas em $6.500.000.000 anualmente. O fato foi revelado num recente relatório dado à publicidade pelas Nações Unidas, intitulado "Estudo da América Latina, 1954". De acôrdo com as cifras citadas pelo mencionado relatório, do total das importações feitas pelos países latino-americanos aos Estados Unidos, à Europa e ao Japão, a parte correspondente aos Estados Unidos foi de 56,7% em 1954, ao passo que em 1953 foi de 59,6% e 1950 foi de 62%. A parte correspondente à Europa, ao contrário, têm aumentado, nêsse mesmo total: 36,8% em 1954, 34,2% em 1953 e 33,8% em 1950 O mesmo aconteceu com o Japão, que, do mesmo total, passou de quase 1% em 1950 para 3,6% em 1954 Os fatores que explicam a preferência da América Latina, relativamente, são, segundo o dito relatório os seguintes: 1) as emprêsas européias e japonesas se acham, em muitos casos, habilitadas a oferecer mercadorias por preços mais baixos; 2) essas companhias oferecem têrmos mais liberais de pagamento; e 3) os govêrnos europeus têm feito amplo uso dos acôrdos bi-laterais para desenvolver a exportação dos seus produtos para a América Latina

Quotas mundiais da exportação de açúcar: Uma das mais conhecidas organizações do comércio internacional, The International Sugar Council, reduziu

as quotas dos países membros, para a exportação, bruscamente, de 5%. A redução foi feita em harmonia com o International Sugar Agreement, o qual permite o ajustamento das quotas de exportação com o objetivo de serem mantidos os preços do açúcar dentro de um limite pre-estabelecido. As novas quotas prevalecerão através de todo o ano de 1955, a não ser que novas condições do mercado internacional tornem necessários outros ajustamentos. Segundo o mencionado International Sugar Agreement, um limite justo de preços é estabelecido entre 3,25 e 4,35 cents a libra, no mercado mundial. Quando os preços caem abaixo de 3,25 cents a libra, o Conselho fica autorizado a reduzir as quotas de exportação, até 20% das necessidades estimadas do mercado mundial. Desde 20 de Junho os preços têm se mantido abaixo do limite estabelecido, e o Conselho pôde fazer as reduções das quotas desde que os preços se mantenham abaixo do nível mínimo durante 15 dias consecutivos

Mercado de valores: Os preços esta semana começaram a subir, depois de uma ligeira pausa na semana passada Os fatores que contribuiram para a subida foram a previsão feita pelo Departamento de Comércio de que a prosperidade econômica continuaria e a notícia dos aumentos dos preços dos produtos de aço Na têrça-feira, registrou-se o maior aumento observado num só dia, desde 15 de Março Foram negociadas 2.680.000 ações, o maior volume havido desde 23 de Junho, incluindo ações de 1.234 emprêsas, outro recorde, também, desde o dia 9 de Junho próximo passado.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Durante esta semana, em que foi comemorado o feriado nacional da Declaração da Independência, na segunda-feira, os preços do café no mercado de físicos melhoraram em geral, em consequência do grande volume das importações recentes. Na sua maioria, entretanto, o café se achava destinado aos torradores, diretamente, e, continuando intensa a atividade dos torradores, parece que não se verificou nenhum aumento substancial nos inventários de café verde. Uma vez que o consumo do café declina normalmente durante o verão, os torradores não têm uma necessidade imediata de refazer os seus estoques e aumentá-los. Deve-se notar que os preços no mercado a têrmo têm mantido uma estabilidade notável, apesar da melhoria da situação do mercado de físicos e apesar das incertezas quanto à política do café que será adotada por alguns dos países produtores. Os fatores que talvez tenham contribuido para a estabilidade dos preços, no mercado a têrmo, são: 1) apenas 101 sacas foram certificadas para entrega no Mercado de modo que não foram ainda feitos avisos contra a posição de Julho, no Contrato S, sendo ainda de 457 o número de lotes (114.250 sacas) dependendo de entrega na referida posição; 2) nos próximos meses, o Brasil e a Colômbia serão os únicos países produtores de importância no mercado, e, nêsse período, os torradores devem acumular abastecimentos para a intensa procura que virá com o outono e com o inverno.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, os preços estiveram fracos, tendo os negociantes procurado diminuir as suas compras, por motivo do feriado da segunda-feira. No fechamento, os preços estavam de 30 a 75 pontos abaixo nos Contratos S e B, e de 50 a 25 pontos abaixo. No Contrato M. Foram nego-

ciados 186 lotes nos Contratos S e B e 34 no Contrato M. Na segunda-feira, o mercado esteve cerrado Na têrça-feira, o mercado esteve incerto, em virtude das notícias vindas do Brasil, no fim da semana, e os preços nos Contratos S e B fecharam com perdas de 45 a 126 pontos, e com perdas de 120 a 45 pontos, no Contrato M. Foram negociados 258 lotes nos Contratos S e B e 15 no Contrato M. Na quarta-feira, o mercado melhorou consideràvelmente, apesar da ausência de notícias favoráveis. Os preços subiram nos Contratos S e B, de 20 a 110 pontos, com 259 lotes vendidos, e de 94 a 140 pontos no Mercado M, com 22 lotes vendidos Ontem, quinta-feira, os preços nos Contratos S e B fecharam entre 6 pontos acima e 21 pontos abaixo, em 73 lotes vendidos, e entre inalterados e 35 pontos abaixo, no Contrato M, em 6 lotes vendidos.

Mercado de físicos: O grande volume do café recebido nos últimos dias, serviu para aliviar a situação de extrema escassez dos abastecimentos, refletindo os preços mais baixos a crescentes oferta dos físicos. Ontem, os Santos 4 estavam cotados nos arredores de 53 cents e os colombianos a 60 cents. Os Santos 4 FOB estavam sendo oferecidos a 49,50 cents, isto é, 1/ cent em relação ao preço da semana passada.

Ocorrências desta semana: O Sr. Alkindar Junqueira pediu demissão do seu pôsto de Presidente do Instituto Brasileiro do Café, tendo sido nomeado, para substituí-lo, o Sr. Raul da Rocha Medeiros, como é do conhecimento dos nossos leitores, e, segundo consta nos círculos interessados de Nova York, os pontos de vista do novo Presidente do Instituto, a respeito da política do café, coincidem com os do Sr. Whittaker, Ministro da Fazenda. — O Sr. Villaveces, Ministro das Finanças da Colômbia, foi convidado para ir ao Rio de Janeiro, com o fim de discutir vários aspectos dos planos relacionados com o Bureau Internacional do Café, e espera-se que o Sr. Manuel Mejia, Gerente da "Federación Nacional de Cafeteros de Colombia", talvez acompanhe o Ministro Villaveces, o qual é esperado no Rio de Janeiro na outra semana. — Segundo notícias de El Salvador, os representantes da FEDECAME, reunidos naquele país, aprovaram, no dia 1 do corrente, a quota e as recomendações de preços para o ano fiscal de 1955/56 que foram formuladas em Nova York, no mês passado, pela Comissão Organizadora do Bureau Internacional do Café, tendo sido estabelecidas quotas individuais para Cuba e para o Panamá, dentro da quota geral para os países da FEDECAME.

Última hora: Esta manhã, os preços no Mercado estavam, nos Contratos S e B, entre 45 e 124 pontos acima; no Contrato M, inalterados. O número de lotes dependendo de entrega, nos Contratos S e B, era de 2,821, e de 280 no Contrato M. Respectivamente, na sexta-feira passada, era de 2.717 e 238.

N.º 939 SITUAÇÃO ECONÔMICA 8 de Julho de 1955

Aspectos gerais: Segundo informa o Departamento do Comércio, o total da produção nacional dos Estados Unidos ascendeu a uma média anual de .... $375.300.000.000 no primeiro trimestre de 1955 e as perspectivas são de que o total do segundo trimestre excederá o do primeiro. No caso de chegar o total do segundo trimestre à média anual de $380.000.000.000 — e há indicações de que chegará — a produção nacional norte-americana estará se mantendo num

nível 5% acima do nível do ano passado. O total de mercadorias e serviços do primeiro trimestre dêste ano é o mais alto até hoje registrado na história do país. Um dos fatores mais importantes para o aumento verificado nêsse período foi o da intensidade das compras dos consumidores, os quais se sentiram estimulados pela confiança geral do público nas perspectivas imediatas e futuras da economia nacional. Em parte, essa confiança, se deve ao fato de que o total da renda nacional ascendeu à média anual de $314.400.000.000, o que corresponde a um aumento de $13.700.000.000 em relação ao primeiro trimestre do ano passado, constituindo também um novo recorde. É interessante observar que, em consequência dessa estimulante situação, muitos dirigentes dos negócios estão antecipando um aumento na procura de artigos no quarto trimestre e estão fazendo planos para a expansão dos seus inventários, de modo que possam satisfazer o influxo de novos pedidos.

Mão de obra: Com um aumento de 1.300.000 no número das pessoas empregadas no mês de Junho, pela primeira vez na história dos Estados Unidos, o total da população ocupada passou de 64 milhões. Em todo o país têm havido aumento típico da temporada na mão de obra da maioria das indústrias, sendo êsses aumentos acima da média, o que se deve, em parte, ao fato de que os estudantes contribuiram, no verão, para aumentar o número dos trabalhadores. No mesmo período, registrou-se apenas um aumento de 200.000 no número das pessoas desempregadas, cujo total foi de 2.700.000. Foi esse o menor aumento no desemprêgo verificado no período de após-guerra, o que indica que a economia nacional está com uma capacidade maior para absorver a mão de obra disponível. Durante o mês de Junho, continuou em 40,7 a média das horas de trabalho semanal, sendo de $76,11 a média dos salários semanais.

Previsões sôbre a agricultura: Segundo o Departamento da Agricultura, o total geral das safras correntes será o segundo mais alto até hoje verificado. A safra do trigo será muito reduzida mediante contrôle da produção,mas haverá colheitas abundantes de outros cereais. A área plantada com algodão é a menor desde 1884. O cultivo do algodão têm diminuido nos últimos anos, mas as exportações de algodão também têm diminuido, e os excedentes em estoques são agora de 11.000.000 de fardos.

Excedentes da lavoura: No ano fiscal que terminou em 30 de Junho, foram vendidos produtos agrícolas excedentes, bem como trocados por outras mercadorias ou distribuidos como auxílio em outros países — produtos calculados em $1.200.000.000. Os estoques agora de que o Govêrno Federal dispõe são avaliados em $7.100.000.000, apesar dos esforços feitos para se reduzirem êsses estoques de excedentes.

Vendas no varejo: As estimativas preliminares indicam um total nas vendas a varejo de $15.600.000.000, em Junho, total êsse que excede de ...... $100.000.000 o total de Maio e de $900.000.000 o total de Junho de 1954. A venda de automóveis constitui o fator central do aumento das vendas a varejo, mas outras mercadorias, como as de artigos para o verão, têm também vendido muito, acima dos níveis normais, nas últimas semanas. A continuação das vendas no verão indicam a confiança do público na economia.

Mercado de valores: O Mercado da Bôlsa parece ter entrado um período de cautela e consolidação, depois de um aumento observado em cinco dias

consecutivos, com novos recordes, na semana passada. Não são esperadas reações substanciais, em virtude das excelentes perspectivas dos negócios e do fato de que os relatórios financeiros da maioria das corporações serão provàvelmente favoráveis quanto ao segundo trimestre do ano.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Na semana que ora termina, o mercado do café esteve relativamente tranquilo, mas os preços se mantiveram firmes. Tanto na posição de Julho como nas posições próximas, os preços melhoraram, com a aproximação do dia final para avisos de entrega, 22 do corrente. Na posição de Julho, no Contrato S, os preços subiram mais de 100 pontos desde o dia 27 de Maio, e no Contrato M cêrca de 1.400 pontos. Restam ainda 322 lotes dependendo de entrega na posição imediata, Julho, e os estoques certificados não são sequer suficientes para preencher um contrato. Um dos fatores da subida dos preços foram as compras para coberturas feitas pelos negociantes que não tencionam fazer entregas no Mercado da Bôlsa. Nos meses distantes, ao contrário, os preços, com os ganhos obtidos, não puderam ser mantidos, com as vendas a descoberto observadas recentemente. Os rumores sôbre a geada foram também um fator nêsse sentido, mas não tiveram efeito sôbre os preços, tendo as autoridades do govêrno brasileiro negado prontamente que a safra foi danificada. Embora o adiantamento da viagem do Ministro das Finanças da Colombia e do Sr Mejia ao Rio de Janeiro, de 16 de Julho para 24 do mesmo mês, o que foi anunciado na segunda-feira, tenha causado uma debilidade temporária no Mercado, a situação da oferta e da procura se fêz sentir sem demora e tanto os preços dos físicos como os dos cafés das posições próximas continuaram firmes. No período de uma semana que terminou ontem, foram negociados 1.434 lotes e tôdas as posições no mercado a têrmo registraram ganhos.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, devido às compras para cobertura e à notícia da ida, no dia 16, do Ministro das Finanças da Colômbia e do Sr. Mejia ao Rio de Janeiro, para tratar dos problemas da estabilização do café, os preços se mostraram particularmente fortes. Nos Contratos S e B, registraram-se ganhos de 109 a 139, num volume de 250 lotes negociados, e no Contrato M de 100 a 105 pontos na venda de um lote. Na segunda-feira, os preços desceram, com a notícia de que a conferência brasileiro-colombiana havia sido adiada para o dia 24. Nos Contratos S e B, os preços fecharam com baixas de 40 a 55 pontos, com exceção dos da posição imediata, que tiveram um ganho de 16 pontos. No Contrato M, os preços fecharam com 5 pontos acima e 25 pontos abaixo. Foram negociados 190 e 14 lotes, respectivamente. Na têrça-feira, os preços na posição imediata nos Contratos S e B ganharam 134 pontos, observando-se nas posições distantes também um ganho de 86 a 20 pontos, num total de 224 lotes vendidos. No Contrato M, houve ganhos de 25 a 120 pontos, em 25 lotes vendidos. Na quarta-feira, a posição imediata de Julho e a de Setembro ganharam 165 e 74 pontos, respectivamente, e as posições distantes declinaram de 9 a 30 pontos. Foram negociadas 442 lotes. Devido aos altos preços no mercado, as vendas a descoberto se tornaram evidentes nas posições distantes, em contraste com as compras para coberturas na posição imediata e nas posições próximas. Os preços no Contrato M fecharam com 115

pontos acima e 65 pontos abaixo, em 20 lotes negociados. Na quinta-feira, os Contratos S e B fecharam com baixas de 79 a 10 pontos, em 243 lotes negociados. O Contrato M fechou com baixas de 75 a 10 pontos, em 25 lotes negociados.

Mercado de físicos: O mercado esteve tranquilo, tendo os cafés colombianos manifestado grande firmeza. O mesmo se observou com o Santos. As transações em grande parte se confinam aos cafés brasileiros e colombianos, atualmente. Ontem os Santos 4 estavam cotados a 54 cents e os colombianos a 62 cents.

Notícias da semana: Uma delegação de cafeicultores de Tanganuika e da África Oriental Britânica deverá chegar a Nova York no dia 27 do corrente, numa missão de boa vontade. Seu objetivo será fazer contactos nos meios comerciais do café e estudar os métodos de colocação do produto no mercado. — A — Junta de Café da Índia eliminou a taxa de exportação sôbre o café, a partir do dia 29 de Junho passado. A medida foi tomada em virtude dos preços baixos atuais nos mercados mundiais do café.

Última hora: Esta manhã, os Contratos S e B abriram com perdas de 15 a 78 pontos, ao passo que os preços no Contrato M se mantiveram inalterados. Nos dois tipos de Contrato, havia, respectivamente, 2.763 e 318 lotes dependendo de entrega, ao passo que na sexta-feira passada havia, também respectivamente, 2.281 e 280.

N.º 940 *SITUAÇÃO ECONÔMICA* 15 de Julho de 1955

Aspectos gerais: Estão sendo mantidos, no verão corrente, os aumentos nas rendas e nos gastos que levaram a níveis de recorde a economia nacional no primeiro semestre do ano. Além disso, segundo indica o Departamento de Comércio dos Estados Unidos, tanto as rendas como os gastos continuarão a aumentar no outono e no inverno. Em seu relatório do mês de Julho corrente, o Departamento a renda individual do consumidor, que aumentou apreciàvelmente no ano passado, está apresentando um aumento ainda mais rápido nos meses mais recentes. No mês de Maio, a renda individual (antes de serem pagos os impostos) ascendeu à média anual de $301.000.000.000 — o mais alto nível até hoje observado. Na categoria de renda individual se acham incluidos os salários e as rendas líquidas dos proprietários urbanos e rurais, bem como os alugueis, os dividendos e os juros, e outros tipos de rendas semelhantes. Os aumentos mais notáveis nessa categoria têm sido observados nas fôlhas de pagamentos, as quais estão atingindo sempre novos níveis mais altos cada mês. Segundo a Comissão da Bôlsa de Valores, observou-se um considerável aumento nas compras a prestações no primeiro semestre de 1955, diminuindo-se, assim, as economias individuais. É rara a família norte-americana que não esteja comprando a prestações a sua casa, o seu automóvel, a sua televisão ou a sua geladeira. O total das hipotecas de casas residenciais e de outras dívidas dos consumidores excede bastante $100.000.000.000, representando aproximadamente 27% de tôdas as mercadorias e de todos os serviços da produção nacional. As prestações de automóveis constituem a maior parcela dêsse total. Embora essa dívida das compras a prestações seja motivo de apreensões para muitos economistas, chama-se a atenção para o fato de que, como porcentagem do total

da produção de mercadorias e de serviços, êsse débito se encontra muito abaixo de outros níveis observados em períodos econômicos anteriores. O enorme ímpeto da economia atual procede dos aumentos das despesas individuais, bem como dos gastos feitos com a construção de casas, lojas, fábricas, escolas, hospitais, estradas, e de outros recursos para o melhoramento dos padrões de vida e para o aumento constante da população. É importante observar que nem as despesas feitas com a defesa nacional nem as acumulações especulativas de estoques desempenharam um papel importante no espetacular aumento das rendas e dos gastos dos consumidores, desde o outono de 1954.

Produção de aço: Estão sendo modificadas as estimativas feitas anteriormente para a produção de aço na segunda metade do ano corrente. É evidente que será modesta a diminuição da produção do aço no terceiro trimestre, devida principalmente às férias dessa temporada. Espera-se que no último trimestre a produção alcance o nível recorde dos dois primeiros trimestres do ano. Os inventários de aço estão muito abaixo dos seus níveis normais, estando a procura intensa e não limitada a poucas indústrias. A fabricação de automóveis continua a consumir muito aço e essa produção também será muito maior do que se pensava, no terceiro trimestre do ano. Essas duas indústrias e a das construções têm sido os indicadores principais da economia norte-americana, há mais de um ano.

Mercado de valores: O mercado esteve pouco ativo e sem tendências definidas, esta semana. Na têrça-feira, os preços alcançaram o seu mais baixo nível num período de mais de duas semanas. É evidente que os compradores de investimentos estão seguindo uma orientação de cautela, aguardando os resultados da Conferência de Genebra. Assim, as atividades foram pequenas. O fato de que a ordem do dia está no afrouxamento das tensões internacionais já teve efeito em ações de companhias que produzem para a "defesa", tais como as ações das emprêsas de aço e de outras que relacionam com a produção de armamentos, por outro lado observando-se um fortalecimento nas ações das emprêsas que produzem exclusivamente para a vida do país.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Esta semana, as atenções se concentraram sôbre a posição imediata no Mercado a têrmo, sendo hoje, dia 22, o último dia para os avisos de entrega de Julho. Os negociantes que tiveram que fazer compras para coberturas pagaram 2 e 3 cents mais do que os preços para os Santos 4 no mercado de físicos, com o fim de liquidar seus compromissos. A cotação de Julho, no Contrato S, que chegou a ganhar 275 pontos durante a semana, declinou 249 pontos na quinta-feira, ontem, com as notícias de que a Bôlsa certificaria hoje, último dia para os avisos de entrega, uma quantidade de café suficiente para cobrir os lotes dependendo de entrega. Foram negociados, durante a semana que terminou ontem, 1462 lotes. Espera-se que os preços no Mercado de físicos se mantenham firmes nos próximos meses, uma vez que o Brasil e a Colômbia constituem as principais fontes de fornecimento de café até Outubro. As discussões entre o Brasil e a Colômbia, no Rio de Janeiro, são consideradas como um fator favorável na situação geral do café, no que se refere aos preços, apesar

do anúncio de que as discussões foram adiadas novamente. Em Nova York, a opinião geral é de que se chegará a um acôrdo no assunto.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, os preços nos Contratos S e B registraram baixas de 78 a 5 pontos no fechamento, num total de 373 lotes negociados, ao passo que no Contrato M as baixas foram de 59 a 70 pontos, em 18 lotes negociados. Na segunda-feira, apesar do movimento escasso, os preços se mostraram firmes; nos Contratos S e B com ganhos de 18 a 38 pontos no fechamento, e no Contrato M com ganhos de 79 a 20 pontos. Os lotes negociados foram, respectivamente, 121 e 11. Na têrça-feira, ocorreram compras para coberturas na posição imediata, no Contrato S, com ganhos de 135 pontos, ao passo que nas outras posições dos Contratos S e M os preços fecharam com ganhos de 50 a 5 pontos. Foram negociados 269 lotes nos Contratos S e B e 11 no Contrato M. Na quarta-feira, o interêsse geral se concentrou ainda na posição de Julho, a qual registrou altas de 185 pontos e fechou com um ganho líquido de 75 pontos. As posições distantes também revelaram firmeza, sendo negociados 373 lotes entre inalterados e 55 pontos acima. Na quinta-feira, os Contratos S e B fecharam com baixas de 3 a 249 pontos, em vendas de 366 lotes, ao passo que no Contrato M foram vendidos 13 lotes, com preços entre inalterados e 15 pontos acima.

Mercado de físicos: Observou-se pouco interêsse no mercado de físicos esta semana por parte dos compradores e dos vendedores. Notou-se um pouco de interêsse pelos embarques mais recentes, particularmente os do mês de Agôsto. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 54 cents e os colombianos a 61 3/8 cents. Foi anunciado que no pôrto de Buenaventura o movimento do açúcar interferiu com o movimento de embarque normal do café, o que contribuiu para que os preços dos colombianos se mostrassem ainda mais firmes no mercado de físicos.

Notícias da semana: O Dr. Alvaro Diaz, Presidente da Transportadora Grancolombiana, informou que foram aprovadas transações, no valor de .... $17.000.000, com a Alemanha e com a Espanha, para a construção de quatro navios com a primeira e dois com a segunda, sendo os navios pagos com café. Uma transação semelhante foi feita anteriormente com o Japão, com a troca de $12.000.000 de café por quatro barcos de 10 mil toneladas. — A Embaixada dos Estados Unidos no México informa que os cafeicultores de Vera Cruz se queixam de que, em consequência da falta de chuvas, a floração dos cafeeiros para a safra seguinte foi muito pobre. O fato parece confirmar notícias anteriores, não oficiais, de que seria substancialmente reduzida a safra de café naquela área, devido à sêca reinante.

Última hora: Os preços, na abertura do mercado, esta manhã, foram os seguintes:

Nos Contratos S e B: entre 50 pontos abaixo e 49 pontos acima.

No Contrato M: entre inalterados e 15 pontos abaixo. O número de lotes dependendo de entrega era de 2.813 nos Contratos S e B, e de 345 no Contrato M. Na sexta-feira passada, o número de lotes dependendo de entrega era de ... 2.763 nos Contratos S e B e de 318 no Contrato M. Na posição de Julho, que termina hoje, havia esta manhã 132 lotes dependendo de entrega, devendo ter cobertura hoje.

PROPAGANDA DO CAFÉ

A "PAUSA...", FONTE DE HUMORISMO:

Não há dúvida nenhuma de que o moto "A Pausa para o Café" constitui atualmente parte integrante da vida norte-americana. Deixou de ser um simples moto de publicidade, para se tornar a designação de um hábito arraigado tanto na consciência como nas atividades dos cidadãos da terra do Tio Sam, que são, como as estatísticas mostram, os maiores bebedores de café do mundo... O "Coffe Break" (como é conhecida a expressão da "Pausa para o Café" nos Estados Unidos) ainda não está nos dicionários, mas não demorará muito a ser incluido nos ditos, porque é uma expressão cujo sentido ultrapassa o simples ato de tomar café, sendo uma maneira especial de tomar café, relacionada com a vida ativa do país. O "Coffe Break" já têm tido várias consagrações de caráter nacional, como parte de reuniões políticas, de assunto para legislação de seguro, etc., mas a que mais definivamente estabelece a sua real popularidade é a da caricatura. Uma delas mostra uma espôsa pela manhã, ainda meio sonolenta, ajudando o marido a vestir-se, com a seguinte legenda: "Se você não se apressar, não vai chegar ao escritório a tempo para a "Pausa para o Café"!" Outra caricatura mostra um alentado homem de negócios, saindo do escritório de sua firma com três bonitas empregadas e dizendo à sua secretária: "Se minha mulher chamar, diga-lhe que saí com o pessoal do escritório para o "Coffe Break"." Se a popularidade do "Coffe Break" precisasse de uma contra-prova, bastaríamos citar o fato de que, uma vez fora do domínio da publicidade, o "Coffe Break" entra na vida rotineira da gente, fazendo parte das coisas boas e das coisas más, como tudo neste mundo. O "Coffe Break", aprovado unânimemente pelos líderes do mundo comercial e industrial, como elemento de auxílio às atividades dos empregados, é, entretanto, às vêzes usado como desculpa de pessoas menos cumpridoras dos seus deveres, pelo que, é claro, o café não é responsável, mas a fragilidade humana é uma das fontes básicas do humorismo e a caricatura não poderia deixar de registrar tal aspecto, como vemos, por exemplo, da seguinte, em que a empregada de um escritório está pegada ao telefone, naturalmente de namoro, e dizendo: "Mas Fred, não me diga que você está me chamando durante o "Coffe Break"!" Assim, o "Coffe Break" entra, sorridente, nos costumes dos norte-americanos, o que prova, sem estatísticas complicadas, como nos Estados Unidos a gente gosta mesmo do café!

A PUBLICIDADE DO CAFÉ:

A popularidade do "Coffe Break" não surgiu, naturalmente, na noite para o dia, como a do nascimento de cinco irmãos gêmeos. Foi obra de uma campanha bem estudada e bem levada a cabo pelo Bureau Pan-Americano do Café, o qual trata de outros setores do consumo com a mesma intensidade, para que o café continue a se manter no cartaz, sendo, na realidade, a bebida favorita dos Estados Unidos. Nas últimas seis semanas, por exemplo, inúmeros artigos especiais sôbre o café foram publicados nos jornais e nos suplementos domingueiros mais importantes, com uma circulação combinada de mais de dezesseis

milhões de exemplares. Êsses artigos foram preparados por especialistas, com a ajuda do Bureau Pan-Americano do Café, o qual fornece aos editores de secções de dietética e aos jornalistas de assuntos sôbre economia doméstica o material adequado para tais artigos, como fotografias, receitas e instruções sôbre o preparo do café. Eis aqui a lista das publicações a que nos referimos:

1) "Family Weekly" — Popular suplemento domingueiro, publicado em 97 jornais. Nos quatro números de Junho e em um de Julho, apareceram artigos ilustrados sôbre o café. Circulação: 2.299.142 exemplares, cada número.

2) "The Washington Star Magazine" — No número de 10 de Julho dessa conhecida revista, apareceu um artigo ilustrado de página inteira, sôbre o café gelado. Circulação: 281.949 exemplares.

3) "Liberty" (Canadá) — No número de Julho dessa conhecida revista mensal, que é uma das de maior circulação no Canadá, foi publicado um longo artigo sôbre o café, com várias fotografias, instruções sôbre o preparo do café e receitas variadas. Circulação: 420.921 exemplares.

4) "Better Homes and Gardens" — Uma das mais apreciadas revistas sôbre a vida do lar. Em seu número de Julho, apareceu um artigo especial sôbre o café gelado. Circulação: 4.094.000 exemplares.

Além dêsses artigos, outros dignos de nota, nêsse período, foram os que publicaram os articulistas San Dawson, da Associated Press, e Ward Cannel, da NEA, sôbre o estudo recente do Bureau Pan-Americano do Café "Coffee Drinking in the United States — Winter 1955".

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	semanas	*Destinos principais*			
	terminadas em:	*U.S.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	16-7-55	150,000	112,000	14,000	276,000
	9-7-55	68,000	90,000	10,000	168,000
	17-7-54	34,000	72,000	45,000	151,000
COLÔMBIA (")	16-7-55	80,494	19,420	1,361	101,275
	9-7-55	137,539	26,750	2,956	167,245
	17-7-54	148,127	14,906	2,638	165,671

ESTOQUES NOS ARAMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas	*Países de origem*			
terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
16-7-55	8,020	147,483	45,802	201,305
9-7-55	9,341	147,114	57,623	124,078
14-7-54	204,633	276,701	165,858	647,192

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	16-7-55	9-7-55	17-7-54
		Semanas terminadas em:		
BRASIL (*)	Santos	1,786,000	1,978,000	2,267,000
	Rio	756,000	751,000	184,000
	Vitória	182.000	170,000	26,000
	Paranaguá	167,000 (°)	157,000 (%)	391,000 (%)
	Pernambuco	12,000	16,000	14,000
	Bahia	18.000	22,000	19,000
	Angra dos Reis	12,000	12,000	17,000
	TOTAL	2,933,000	3,106,000	2,918,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	38.095	30,766	88,445
	Cartagena	26,371	16,494	29,689
	Buenaventura	117,958	115,309	177,730
	Cúcuta	185,892	186,573	30,009
	TOTAL	368,316	349,142	325,873

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeteros da Colômbia.
(°) 149,000 livre e 18,00 retidos.
(%) Livre.

N.º 941 SITUAÇÃO ECONÔMICA 22 de Julho de 1955

Aspectos gerais: Graças ao alto nível das atividades econômicas nos Estados Unidos e no resto do mundo, espera-se um aumento considerável no comércio de exportação e importação norte-americano, durante o ano corrente. Essa é a expectativa manifestada pelo Comitê de Balanços de Pagamentos do Conselho Nacional de Comércio com o Estrangeiro, uma organização de emprêsas particulares que têm interêsse ligados aos problemas internacionais. Segundo o referido Comitê, o total do comércio de exportação — excluindo-se os embarques de material para uso militar — será de $14.100.000.000, o que representa mais de 11% acima do total de 1954. O total do comércio de importação será, segundo se espera, de $14.400.000.000, o que corresponde a um aumento de 8,6%. Essas estimativas são preparadas duas vêzes por ano pelo Comitê, o qual é constituido de especialistas em economia das emprêsas manufatureiras, das firmas de exportação e importação, dos bancos e de outras entidades particulares que tomam parte direta nos negócios internacionais. O Conselho Nacional informa que as estimativas apresentadas agora excedem muito as apresentadas no comêço do ano, em virtude do melhoramento notado nas condições econômicas mundiais. Em Janeiro, calculava-se que a exportação e a importação, no primeiro semestre do ano, seriam, respectivamente, de .... $7.000.000.000 e de $5.500.000.000. Todavia, o aumento das importações dos

Estados Unidos são relativamente moderadas, em relação aos consideráveis ganhos observados na produção e nas atividades econômicas do país. A diferença entre a exportação e a importação, que constitui o deficit para as outras nações, poderá ser eliminada, segundo os péritos do Conselho Nacional, com os dispêndios feitos no estrangeiro com transferências unilaterais privadas, auxílios econômicos, investimentos de capital, empréstimos do govêrno e outros investimentos de curto prazo.

Custo de vida nos Estados Unidos: O Bureau de Estatísticas do Trabalho chama a atenção para a notável estabilidade dos preços dos produtos mais importantes que determinam o custo de vida dos consumidores, diante do constante aumento das rendas e da capacidade da produção nacional. Embora o custo de vida tenha aumentado ligeiramente em Junho, aumento verificado pela primeira vez desde Novembro do ano passado, não chegou ao nível observado nos mês de Junho de 1954. Êsse aumento foi atribuido a pequenas altas nos preços dos alimentos, das residências, dos transportes e dos gastos com os serviços médicos. O aumento é da temporada do ano, acreditando-se que os aumentos dos preços dos alimentos em Julho contribuam para levantar ainda mais o nível do custo de vida, cujo índice, do Bureau de Estatísticas do Trabalho, é agora de 114,4% em relação à média de 1947/1949. Isso quer dizer que os artigos essenciais que em 1947/1949 custavam $1,00 agora custam $1.15, aproximadamente. Ao mesmo tempo, observa-se um aumento de 30% nas rendas individuais disponíveis (rendas líquidas, depois de pagos os impostos), durante o mesmo período referido. Durante Junho, houve diminuição nos preços dos vegetais frescos, das refeições nos restaurantes, do chá e do café. O café foi vendido, em média, por 89 cents a libra durante o mês de Junho — sendo essa a primeira vez que o preço médio do café nos Estados Unidos é inferior a 90 cents a libra, desde Julho de 1953.

Segundo um estudo feito do mercado norte-americano por uma organização especializada no assunto, as despesas feitas pelos consumidores têm aumentado constantemente desde 1940 com os alimentos, em proporção com as outras despesas, independentemente dos preços dos artigos, os quais, em muitos casos até baixaram. Isso não se aplica ao café, entretanto, por causa da alta dos preços do mesmo, especialmente em 1949 e 1954. De acôrdo com o dito estudo, de 1940 a 1954 as rendas disponíveis individuais aumentaram de 174%, ao passo que as compras de alimentos per capita aumentaram de 229%, o que se atribui ao custo de vida mais alto.

MERCADO DO CAFÉ

Esta semana se caracterizou por uma grande estabilidade nos preços dos cafés físicos e por uma tendência de alta nas posições imediatas na Bôlsa de Café. Isso continua a refletir o fato de que os abastecimentos de café são limi-

tados na praça e de que os torradores estão mantendo a sua política de comprar apenas cafés físicos ou, quando muito, cafés sôbre a água. A tranquilidade geral observada durante a semana se deve à ausência de rumores pertubadores e às declarações do Ministro da Fazenda do Brasil, Sr. Whitaker, no sentido de que qualquer mudança na política monetária do país tomaria tempo, por causa da complexidade do assunto e dos trâmites legais necessários à realização da mudança. Entrementes, é aguardada com crescente interêsse a reunião, marcada para o fim da próxima semana, entre representantes do Brasil e da Colômbia, para a discussão do projetado Bureau Internacional do Café e do propôsto Plano de Emergência. Em Nova York a atitude geral é de optimismo quanto aos resultados da referida discussão, achando-se que há uma ampla área de possíveis acôrdos, e que não poderá ser drástica nenhuma mudança que o Brasil possa eventualmente levar a efeito em sua política monetária. Isso explica a firmeza revelada nas posições próximas do Mercado a têrmo, em que se registrou, durante esta semana, um aumento de 235 a 105 pontos nos Contratos S e B e de 225 a 130 pontos no Contrato M, num total de 1.450 lotes negociados.

Mercado a têrmo: O movimento diário durante a semana no Mercado a têrmo foi o seguinte; na sexta-feira passada, depois de oscilar durante o dia, o mercado fechou com baixas de 24 a 65 pontos nos Contratos S e B de 20 a 65 pontos no Contrato M, com vendas de 304 e 7 lotes, respectivamente; na segunda-feira, o mercado se firmou e ao fechamento registrou altas de 70 a 105 pontos nos Contratos S e B e de 50 a 90 pontos no Contrato M, com uma atividade limitada, entretanto, pois que só se venderam 87 lotes nos Contratos S e B e 1 lote no Contrato M; na têrça-feira, as atividades foram muito mais intensas, revelando o mercado a mesma firmeza, com altas de 87 a 155 pontos nos Contratos S e B em 566 lotes negociados, e com altas de 70 a 115 pontos em 12 lotes negociados; na quarta-feira, os preços nos Contratos S e B fecharam irregularmente, com altas de 35 pontos e baixas de 20 pontos, em vendas de 277 lotes, ao passo que os preços no Contrato M se mantiveram firmes, com altas de 10 a 50 pontos, em vendas de 12 lotes; e ontem, quinta-feira foram insignificantes as mudanças havidas nos Contratos S e B, com altas de 15 pontos e baixas de 5 pontos, em 162 lotes negociados, ao passo que as cotações no Contrato M continuaram subindo, de 20 a 25 pontos, num total de 23 lotes vendidos.

Mercado de físicos: Embora o mercado de físicos não tenha estado muito ativo, a falta de pressão da oferta e o contínuo interêsse dos torradores pelos cafés na praça mantiveram pràticamente inalterados os níveis dos preços, desde a segunda-feira até agora. Os Santos 4 estão ainda sendo negociados a 54 cents e mais, ao passo que os colombianos Excelsos nas vizinhanças de 62 cents.

Atividades dos torradores: Segundo informações de fontes particulares, o volume do café torrado continua sendo muito maior do que o observado durante o ano passado. De acôrdo com essas informações, a quantidade de café torrado na semana terminada no dia 23 do corrente corresponde a 147.76% da quantidade do café torrado em idêntico período do ano passado. Entretanto, essas atividades não alcançaram o nível de 1953, acrescendo-se o fato de que desde então a população do país têm também aumentado.

Última hora: Esta manhã, o mercado abriu com baixas de 10 a 34 pontos nos Contratos S e B e com baixas de 20 pontos no Contrato M, em relação ao

fechamento de ontem. O número de lotes dependendo de entrega, nos Contratos S e B, era de 2729, ao passo que na sexta-feira passada pela manhã era de 2813, e no Contrato M esta manhã era de 237 e de 345 na sexta-feira passada.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	U.S.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
		Destinos principais			
BRASIL (*)	23-7-55	137,000	40,000	19,000	196,000
	16-7-55	150,000	112,000	14,000	276,000
	24-7-54	31,000	74,000	12,000	117,000
COLÔMBIA (")	23-7-55	43,596	31,774	1,904	77,274
	16-7-55	80,494	19,420	1,361	101.275
	24-7-54	92,533	16,394	5,722	114,649

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
	Países de origem			
23-7-55	25,126	142,998	42,851	210,975
16-7-55	8,020	147,483	45,802	201,305
24-7-54	208,666	286,453	162,813	657,932

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	23-7-55	16-7-55	17-7-54
		Semanas terminadas em:		
BRASIL (*)	Santos	1,765,000	1,786,000	2,361,000
	Rio	774,000	756,000	225,000
	Vitória	207,000	182,000	36,000
	Paranaguá	226,000 (°)	167,000 (%)	406,000 (%)
	Pernambuco	11,000	12,000	13,000
	Bahia	17,000	18,000	21,000
	Angra dos Reis	12,000	12,000	17,000
	TOTAL	3,012,000	2,933,000	3,079,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	21,171	38,095	92,062
	Cartagena	24,416	26,371	21,279
	Buenaventura	134,587	117,958	184,120
	Cúcuta	185,271	185,892	27,843
	TOTAL	365,445	368,316	325,304

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeteros da Colômbia.
(°) 212,000 livre e 14,000 retidos
(%) 149,000 livre e 18,000 retidos
(&) 372,000 livre e 34,000 retidos

N.º 942 NOTÍCIAS GERAIS SÔBRE O CAFÉ 29 de Julho de 1955

O Instituto de Preparo do Café deu à publicidade uma interessante nota sôbre as impurezas da água e o sabor do café, nota essa que apareceu em inúmeras publicações, entre as quais 62 revistas de restaurantes e inúmeras outras mais diretamente relacionadas com o café, como as seguintes: Paton Report. N.C.A. Green Sheet, Tea & Cofee Trade Jorunal, Coffee & Tea Industries, Agricultural & Food Chemistry, Chemical & Engineering News, Chemical Week. A nota em questão foi a seguinte:

"As impurezas inorgânicas que se encontram comumente na água não têm nenhum, ou quase nenhum, efeito sôbre o sabor do café preparado na forma de bebida, segundo informa o Dr. Ernest E. Lockhart, recém-nomeado para o cargo de Diretor Científico do Instituto de Preparo do Café.

O Dr. Lockhart fêz essa declaração em comunicação feita durante a Reunião Anual do Instituto de Técnicos de Alimentação, a qual teve lugar em Columbus, no Estado de Ohio, recentemente. Na mesma reunião, o Dr. Fred E. Deatherage, do Departamento de Bioquímica Agrícola da Universidade do Estado de Ohio, apresentou um estudo sôbre as possíveis relações entre os ácidos orgânicos e os seus efeitos sôbre a frescura do café. Ambos estudos foram levados a efeito mediante auxílios de financiamento prestados pelo Instituto de Preparo do Café.

Passando em revista os fatores que serviram de base para a sua conclusão, o Dr. Lockhart declarou que foram feitas medidas várias concentrações de impurezas inorgânicas de afetar o sabor do café-bebida. Podem-se encontrar, disse o Dr. Lockhart, concentrações de sulfato, de sódio e de cloro na água comum usada para o preparo do café, em teor suficientemente alto para afetar o sabor da bebida, mas ùnicamente em casos isolados e de natureza local. De maneira geral, pode-se concluir que as impurezas inorgânicas da água de consumo público não deve afetar o gôsto do café.

O Dr. Deatherage, por sua vêz, no estudo que fêz sôbre os ácidos orgânicos, afirmou que os ácidos orgânicos no café preparado são extraídos em diferentes proporções e que dois terços são de ácidos clorogênicos. Êle chamou a atenção para o fato de que, quando se deixa repousar o café preparado por algum tempo, o caráter dos ácidos muda e tanto o ácido clorogênico como o ácido cafeico parcialmente se decompõem. Essa observação, diz o Dr. Deatherage, poderá ser importante para se bem compreender o efeito dos ácidos no sabor do café que já perdeu a frescura."

Produção de café de Ruanda-Urandi: De acôrdo com um relatório procedente de Usumbra, a produção do café em Ruanda-Urandi durante o ano corrente será provàvelmente a melhor num período de muitos anos, num total de 200.000 sacas de 60 quilos. A produção de 1954 foi de 150.000 sacas. A safra do ano passado, danificada pelos insetos, deu cêrca de $10.000.000, ao passo que a safra dêste ano, devido à incerteza dos preços do café, não dará muito mais. Os exportadores contam com um preço médio de 42 cents a libra, FOB Dar-es-Salaam, para o café Arábica. Segundo o mencionado relatório, como o café fornece mais da metade da receita da exportação de Ruanda-Urandi, estão sendo feitos esforços para se aumentar a produção dessa região. Os cafeeiros plantados depois da Segunda Guerra Mundial estão começando a produzir e, se

a procura mundial não diminuir, em 1960 a produção de café de Ruanda-Urandi será de 300.000 sacas, ou mais.

As autoridades do Território, com o fim de estimular a produção do café, criaram um impôsto sôbre o café levado ao mercado e o dinheiro conseguido com o impôsto constitui um Fundo de Igualação com que são mantidos constantes os preços para os produtores nativos, independentemente dos preços mundiais do café. No ano passado, o impôsto foi de 9 francos por quilo, mas as baixas dos preços nêste ano fizeram baixar o imposto para 1 franco por quilo. Apesar de tudo, os negociantes de café de Usumbra acham que o Fundo de Igualação, que já chegou a $7.000.000, bastará para se manterem os preços do café de Ruanda-Urandi em nível suficiente e a produção em expansão, até que as condições do mercado mundial se tornem mais claras.

(G. G. Paton & Co. 26 de Julho de 1955).

★

AR LIVRE E RESFRIADOS

O ar livre tem influência benéfica sôbre o organismo. O ar parado, quente e úmido dos ambientes fechados impede que o organismo possa reagir às bruscas mudanças de temperatura ambiente. Por isso, os indivíduos que vivem dentro de casa, com medo do vento, resfriam-se tão frequentemente.

Defenda a saúde, mantendo ventilados os locais em que permanece e passando grande parte do tempo ao ar livre. — SNES.

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

Ano XX | SÃO PAULO, 16 DE JUNHO DE 1955 | Número 355

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO - SAFRA 1954/1955
CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

ESTRADAS DE FERRO	*JULHO A ABRIL*
Santos a Jundiaí	109 348
Sorocabana	635 597
Paulista	2 608 608
Mogiana	1 019 233
Araraquara	1 477 227
Noroeste do Brasil	1 107 719
Central do Brasil	3 479
Estrada de Rodagem	949
TOTAL	6 962 160

NOTA: — *Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.*

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

DESPACHADO	*Rio de Janeiro*		*Angra dos Reis*		*Totais*
	Ferrovia	*Rodovia*	*Ferrovia*	*Rodovia*	
Junho/Abril	45 653	320 410	930	5 963	372 956
TOTAL	**45 653**	**320 410**	**930**	**5 963**	**372 956**
Dest. Alt. Santos	1 383	—	—	—	1 383
TOTAL GERAL	**47 036**	**320 410**	**930**	**5 963**	**374 339**

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

ESTADOS PRODUTORES	*JULHO/ABRIL*
Paraná	122 137
Minas Gerais	305 554
Goiás	120 919
Mato Grosso	7 225
Espírito Santo	1 850
TOTAL	557 685

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1954/1955 (até 30 de junho da 1955)

Paulista	*Despachado*	*Liberado*	*Cancelado Dest. Alt.*	*A liberar*
1.ª dez. Julho	791 135	791 135	—	—
2.ª " "	684 403	684 403	—	—
3.ª " "	889 768	889 768	—	—
1.ª " Agosto	660 245	660 245	—	—
2.ª " "	804 632	804 632	—	—
3.ª " "	745 414	745 414	—	—
1.ª " Setembro	501 839	500 456	1 383	—
2.ª " "	409 399	408 899	500	—
3.ª " "	347 061	346 457	504	100
1.ª " Outubro	142 472	142 443	—	29
2.ª " "	137 726	137 162	—	564
3.ª " "	119 944	119 658	—	286
1.ª " Novembro	77 954	77 628	113	213
2.ª " "	97 499	96 989	310	200
3.ª " "	80 145	79 524	—	621
1.ª " Dezembro	56 404	56 335	—	69
2.ª " "	63 091	61 625	—	1 466
3.ª " "	47 391	46 796	—	595
1.ª " Janeiro	13 709	13 489	—	220
2.ª " "	19 380	19 380	—	—
3.ª " "	33 666	33 614	—	52
1.ª " Fevereiro	18 850	18 573	—	277
2.ª " "	15 123	15 123	—	—
3.ª " "	10 264	9 764	—	500
1.ª " Março	12 772	12 772	—	—
2.ª " "	20 012	19 422	—	590
3.ª " "	47 147	46 098	—	1 049
1.ª " Abril	19 037	18 556	—	481
2.ª " "	26 084	25 360	—	724
3.ª " "	61 041	55 738	—	5 303
TOTAL	6 953 607	6 937 458	2 810	13 339
Despolpado	7 604	7 604	—	—
Rodoviário	949	494	455	—
TOTAL GERAL ..	6 962 160	6 945 556	3 265	13 339
OUTROS ESTADOS				
Paraná	122 137	122 137	—	—
Minas Gerais	305 554	305 554	—	—
Goiás	120 919	115 369	3 570	1 980
Mato Grosso	7 225	7 225	—	—
Espírito Santo	1 850	1 730	—	120
TOTAL GERAL ..	557 685	552 015	3 750	2 100

Destino Alterado — Rio de Janeiro	1 383	
" " Capital	184	
Cancelado	1 243	2 810
Safra 51/52 Apreendido		1 000
Safra 52/53 "		12 930

ESTA PUBLICAÇÃO RETIFICA AS ANTERIORES

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

JULHO DE 1955

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	QUANTIDADE EXPORTADA					TOTAL GERAL
	Exterior			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Est. Unidos	Outros países	TOTAL			
Santos	373 679	226 017	599 696	275	(x) 185	600 156
Rio de Janeiro	51 154	172 140	223 294	22	1 861	225 177
Paranaguá	41 333	1 063	42 396	—	—	42 396
Vitória	27 575	49 413	76 988	22	32 932	109 942
Angra dos Reis	1 827	—	1 827	—	—	1 827
Salvador	—	3 329	3.029	—	717	3 746
Recife	2 300	4 019	6 391	14	500	6 833
Total	**497 868**	**455 681**	**953 549**	**333**	**36 195**	**990 077**
Janeiro	376 770	406 980	783 750	424	30 155	814 329
Fevereiro	210 097	336 938	547 035	301	12 655	559 991
Março	474 045	407 441	881 486	475	22 390	904 351
Abril	632 734	350 257	982 991	370	37 802	1 021 163
Maio	296 016	379 029	675 045	437	49 460	724 942
Junho	830 813	489 629	1 320 442	433	40 577	1 361 452
Total de Janeiro a Julho	**3 318 343**	**2 825 955**	**6 144 298**	**2 773**	**229 234**	**6 376 305**

Obs.: Embarcaram via ferroviária 400 scs. em Vitória e via rodoviária 1.187 scs. em Salvador e 220 scs. em Recife.

Relação de café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de Julho de 1955

DIAS	Europa	América Norte	América Sul	África	Ásia	Oceania	Cabotagem	Total
2	—	1.143	2.805	—	—	—	—	3.948
4	—	2.125	—	3.716	—	34	—	5.875
6	225	—	3.467	—	—	—	—	3.692
7	35.050	—	—	—	—	—	1.155	36.205
8	3.749	8.854	2.100	—	—	—	—	14.703
9	5.656	250	2.152	—	—	—	—	8.058
11	17.752	5.011	—	—	—	—	—	22.763
12	5.424	—	2.148	—	—	—	—	7.572
13	—	2.546	—	—	—	—	—	2.546
15	5.625	3.410	—	—	—	—	—	9.035
16	964	2.606	—	—	—	—	—	3.570
18	2.718	4.976	5.748	—	—	—	—	13.442
19	2.013	4.000	1.538	—	—	—	—	7.551
20	1.063	—	304	—	2.992	—	—	4.359
21	585	—	—	—	—	—	—	585
22	—	1.500	—	—	—	—	—	1.500
25	6.748	7.920	2.270	125	—	—	—	17.063
26	23.776	—	—	1.000	—	—	—	24.776
27	2.112	5.863	—	—	250	—	—	8.225
28	6.162	—	—	—	—	—	—	6.162
29	—	1.450	—	—	—	—	275	1.725
30	9.311	—	7.726	—	4.332	—	431	21.800
Total	128.933	51.654	30.258	4.841	7.574	34	1.861	225.155

Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de Julho de 1955

CONTINENTES:	*PAÍSES*	*SACAS*	*TOTAL*
Europa	Alemanha	7.798	
	Áustria	1.196	
	Bélgo-Luxemb. UE	4.563	
	Dinamarca	7.710	
	Espanha	40.137	
	Finlândia	40.550	
	França	805	
	Grã-Bretanha	3.000	
	Grécia	3.815	
	Holanda	5.813	
	Hungria	1.999	
	Islândia	1.120	
	Itália	2.613	
	Iugoslávia	1.500	
	Noruéga	100	
	Polônia	1.666	
	Suécia	125	128.933
	Tchecoslováquia	4.423	
América do Norte	Canadá	500	
	Estados Unidos	51.154	51.654
América do Sul	Argentina	25.992	
	Chile	2.179	
	Uruguai	2.087	30.258
Africa	Marrocos Francês	125	
	Moçambique	30	
	Tunísia	1.000	
	U.S. Africana	3.686	4.841
Asia	Chipre	250	
	Jordânia	160	
	Líbano	6.998	
	Síria	166	7.574
Oceania	Austrália	34	34
	Total para o exterior		**223.294**
Cabotagem	Norte	1.486	
	Sul	375	**1.861**
	TOTAL GERAL		**225.155**

— cons. de bórdo — 22 scs. —

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

MAIO DE 1955

DIAS	ENTRADAS						Liberado E.F.S.J.	Liberado E.F.S.	Embarques	Despachos	Vendas	Revertido ao estoque	Retirado do estoque	Existência
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranàense	Espírito Santo	Total								
2	32 824	305	700	600	—	34 429	22 594	11 535	11 363	16 037	8 895	—	—	1 832 519
3	25 259	2 768	900	500	—	29 427	17 293	12 134	10 933	16 805	19 541	—	—	1 851 013
4	43 558	2 910	547	—	—	47 015	34 835	12 480	19 743	6 194	13 774	—	1 561	1 876 724
5	36 361	418	500	—	500	37 779	24 058	12 821	6 794	36 234	15 661	—	—	1 907 709
6	36 116	1 696	500	1 092	—	39 404	26 398	13 006	20 339	13 508	17 567	—	—	1 926 774
7	35 689	800	300	—	—	36 789	21 055	15 734	22 238	9 983	5 844	—	42 060	1 899 265
9	25 528	1 122	600	569	—	27 819	14 848	12 971	13 250	13 966	12 391	—	—	1 913 834
10	31 441	—	600	—	—	32 041	18 807	13 234	11 842	19 117	14 184	—	—	1 934 033
11	26 202	—	600	160	—	26 962	11 205	15 757	15 672	23 369	14 543	—	—	1 945 323
12	13 583	—	733	710	—	15 026	1 313	13 713	24 627	22 948	22 162	—	—	1 935 722
13	37 639	625	600	—	—	38 864	26 457	12 707	10 244	23 371	19 172	—	—	1 964 342
14	21 948	—	147	977	—	23 072	14 661	8 411	23 707	16 441	7 326	—	—	1 963 707
16	16 670	1 700	80	—	—	18 450	8 565	9 885	16 501	16 636	11 472	—	—	1 965 656
17	31 893	2 041	572	500	—	35 006	21 367	13 639	26 840	17 221	12 366	—	—	1 973 822
18	34 988	1 079	797	—	—	36 864	22 177	14 687	20 636	7 258	17 827	—	—	1 990 050
19	25 934	1 265	—	1 313	—	28 512	14 087	14 425	—	—	—	—	—	2 018 562
20	22 763	2 967	790	—	—	26 520	12 318	14 202	19 495	22 235	10 509	—	—	2 025 587
21	25 623	2 979	700	—	500	29 802	15 680	14 122	21 330	14 933	2 131	—	—	2 034 059
23	32 094	500	970	1 660	—	35 224	19 550	15 674	6 801	18 006	6 586	—	—	2 062 482
24	36 945	579	600	1 835	—	39 959	23 596	16 363	14 888	6 920	21 601	—	—	2 087 553
25	36 917	2 692	400	—	—	40 009	16 241	23 768	13 422	3 576	21 209	—	—	2 114 186
26	35 672	2 977	600	751	—	40 000	17 906	22 094	3 428	9 362	19 940	46	—	2 150 758
27	37 842	1 579	210	—	250	39 881	18 349	21 532	9 702	25 020	16 920	—	—	2 180 937
28	24 770	1 400	600	—	—	26 770	10 634	16 136	12 510	1 280	11 097	—	—	2 195 197
30	30 515	1 151	600	—	—	32 266	14 523	17 743	13 812	18 533	12 699	—	—	2 213 651
31	27 953	3 091	—	100	—	31 144	8 315	22 829	19 764	9 599	12 896	—	111	2 224 920
Total	**786 727**	**36 644**	**13 646**	**10 767**	**1 250**	**849 034**	**457 432**	**391 602**	**389 881**	**388 552**	**348 313**	**46**	**43 732**	—

Movimento de Café na Praça de Santos

JULHO DE 1955

ENTRADAS						Liberado E.F.S.J.	Liberado E.F.S.	Liberado Kodovia	Embarques	Despachos	Vendas	Retirado do estoque	Existência	Existência em poder do I.B.C.
…sta	Mineiro	Goiano	Paranaense	Espírito Santo	TOTAL									
	—	—	—	—	—	—	—	—	—	16 373	9 462	—	2 106 624	438
	—	—	—	—	—	—	—	—	16 131	6 463	13 771	—	2 090 493	438
…98	—	—	.	120	2 018	18 806	92	120	11 655	43 543	36 121	—	2 080 856	438
…74	—	—	—	—	174	—	174	—	14 409	32 168	18 610	1 846	2 604 775	438
…78	—	1 300	—	—	7 178	6 850	328	—	42 327	33 892	21 819	—	2 029 626	438
…86	—	—	—	—	386	386	—	—	43 312	19 529	17 443	—	1 986 700	438
…12	—	300	—	—	3 112	2 504	608	—	16 305	45 841	28 212	—	1 973 507	438
	—	—	—	—	—	—	—	—	58 096	19 617	34 825	—	1 915 411	438
[illegible]	—	—	—	—	1 030	312	718	—	32 090	43 790	35 489	—	1 884 351	438
…38	—	—	—	—	238	238	—	—	38 974	27 535	45 767	—	1 845 615	438
[illegible]	—	—	—	—	2 490	2 223	267	—	40 648	30 326	48 238	—	1 807 457	438
[illegible]	—	—	595	—	4 935	3 840	1 095	—	21 789	23 343	26 509	—	1 790 603	438
…7	—	—	—	—	9 117	5 429	3 688	—	38 199	8 251	10 771	—	1 761 521	438
…7	—	—	450	—	6 927	4 940	1 987	—	13 800	12 415	7 722	—	1 754 648	438
[illegible]	—	—	—	—	12 616	6 235	4 381	—	15 708	27 270	27 396	—	1 751 556	438
[illegible]	—	—	—	—	15 079	10 507	4 142	430	12 374	9 320	32 095	—	1 754 261	438
…5	—	—	130	—	16 555	14 016	2 539	—	20 821	20 492	35 135	—	1 749 995	438
[illegible]	—	—	—	—	20 727	17 210	3 517	—	3 985	48 561	19 392	—	1 766 737	438
…7	—	—	—	—	15 467	11 891	3 576	—	28 161	14 910	6 628	—	1 754 043	438
…7	50	—	—	—	29 047	19 361	9 686	—	11 807	25 620	12 642	—	1 771 283	438
[illegible]	500	—	—	—	42 659	25 696	16 963	—	26 903	20 107	15 715	—	1 787 039	438
[illegible]	—	—	500	—	20 249	10 580	9 669	—	40 498	7 101	15 556	—	1 766 790	438
[illegible]	300	—	—	—	16 059	9 647	6 412	—	21 902	35 783	29 274	—	1 760 947	438
[illegible]	325	—	1 745	—	37 677	26 063	11 614	—	19 986	13 855	20 947	—	1 778 638	438
[illegible]	1 378	—	—	—	19 491	14 030	5 461	—	12 600	1 141	22 302	20	1 785 509	438
[illegible]	2 553	1 600	3 420	120	283 231	195 764	86 917	550	602 480	587 246	591 841	1 866	—	438

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

(Sacas de 60 quilos)

1955	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A/dos Reis	Recife	TOTAL
Janeiro	1 796 045	247 292	150 8[illegible]0	3 650	247 935	13 236	20 584	2 479 542
Fevereiro	1 916 557	243 934	158 369	7 332	274 328	12 640	18 126	2 631 286
Março	1 866 863	94 626	160 388	8 259	176 843	6 205	18 316	2 331 500
Abril	1 809 453	60 178	162 846	8 677	176 765	835	16 126	2 234 880
Maio	2 224 920	639 125	205 482	22 569	129 522	10 161	11 797	3 243 576
Junho	2 106 624	756 901	258 627	13 401	90 732	3 291	10 636	3 240 212
Julho	1 785 509	729 521	(x) 274 462	6 152	350 745	2 804	9 741	3 158 934
Julho — 1954	2 366 686	243 606	62 661	8 633	415 168	2 030	12 097	3 110 881
Julho — 1953	1 966 641	176 815	60 035	7 425	653 269	—	7 788	2 871 973
Julho — 1952	1 747 763	359 006	29 866	8 323	320 100	250	11 348	2 476 656
Julho — 1951	1 477 517	467 167	37 544	10 354	267 332	10 361	12 812	2 283 087

Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, durante o mês de Julho de 1955

VIAS	PROCEDÊNCIAS									TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Bahia	Goiás	Pernambuco	Paraíba	
E. F. Leopoldina	—	2.600	3.509	1.715	—	—	—	—	—	7.824
Rodoviário	32.277	98.224	8.027	65.525	4.715	2.192	665	110	410	212.145
Totais	**32.277**	**100.824**	**11.536**	**67.240**	**4.715**	**2.192**	**665**	**110**	**410**	**219.969**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

JULHO DE 1955

(Em cents. por libra (pêso) 453,60)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 ext. mole	Tipo 4 ext. mole	Tipo 4	Tipo 7
1	N/cot.	N/cot.	55.25	54.25	N/cot.	43.75
5	”	”	54.50	53.50	”	N/cot.
6	”	”	54.00	53.00	”	43.25
7	”	”	54.00	53.00	”	43.75
8	”	”	54.50	53.50	”	42.75
11	”	”	54.50	53.50	”	42.75
12	”	”	54.25	53.25	”	42.50
13	”	”	55.00	54.00	”	42.75
14	”	”	55.50	54.50	”	42.75
15	”	”	55.25	54.25	”	42.25
18	”	”	55.50	54.50	”	42.00
19	”	”	55.00	54.00	”	42.00
20	”	”	57.75	56.75	”	42.00
21	”	”	56.25	55.25	”	42.00
22	”	”	55.00	54.00	”	42.00
25	”	”	55.00	54.00	”	42.00
26	”	”	55.00	54.00	”	42.00
27	”	”	55.00	55.00	”	42.50
28	”	”	55.00	54.00	”	42.50
29	”	”	55.50	54.50	”	42.50
Mínima	—	—	**54.00**	**53.00**	—	**42.50**
Média	—	—	**55.14**	**54.14**	—	**42 53**
Máxima	—	—	**57.75**	**56.75**	—	**43.73**

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

JULHO DE 1955

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Sem Descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
1	396,50	386,50	358,50	—	—
4	395,00	385,00	356,00	290,00	212,00
5	395,00	385,00	355,50	290,00	212,00
6	395,00	385,00	355,00	290,00	212,00
7	395,00	385,00	355,00	290,00	212,00
8	395,00	385,00	353,50	290,00	212,00
11	397,00	385,00	353,00	290,00	212,00
12	397,00	385,00	352,50	290,00	212,00
13	398,50	385,00	351,50	290,00	212,00
14	399,50	385,00	352,00	290,00	212,00
15	399,00	385,00	351,50	290,00	212,00
18	399,50	385,00	351,50	290,00	212,00
19	399,50	385,00	350,00	290,00	212,00
20	399,50	381,50	346,50	—	212,00
21	399,50	380,00	343,50	—	212,00
22	399,50	380,00	341,00	290,00	212,00
25	398,00	380,00	340,50	290,00	212,00
26	396,00	380,00	340,00	290,00	—
27	395,50	380,00	340,00	287,00	210,00
28	395,00	380,00	340,00	285,00	208,00
29	395,00	380,00	340,00	285,00	208,00
Mínima	395,00	380,00	340,00	285,00	208,00
Média	397,14	383,24	348,90	289,28	211,47
Máxima	399,50	386,50	358,50	290,00	212,00

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK

Em cents por libra (peso) 453,60 — Contrato "B"

JULHO DE 1955

DIAS	*MAIO* — 1956		*JULHO* — 1956	
	A	F	*A*	F
1	n/cot.	35.65	36.00	n/cot.
5	35.10	35.10	n/cot.	34.00
6	37.00	36.20	"	34.95
7	35.60	36.04	34.95	34.80
8	36.80	37.30	35.00	35.95
11	37.00	36.75	35.00	35.50
12	36.65	36.96	35.00	35.70
13	37.60	36.90	n/cot.	35.40
14	n/cot.	36.71	35.25	35.30
15	36.30	36.55	35.05	35.25
18	36.00	36.80	35.00	35.50
19	37.10	36.70	35.65	35.40
20	36.70	36.90	35.40	35.60
21	37.00	36.25	34.50	35.00
22	36.85	36.01	35.60	34.70
25	36.00	36.95	34.60	35.59
26	37.25	37.85	35.85	36.46
27	37.40	37.65	36.20	36.25
28	37.65	37.60	n/cot.	36.20
29	n/cot.	37.40	36.10	36.10
Mínima	35.10	35.10	34.50	34.00
Média	36.65	36.71	35.46	35.45
Máxima	37.65	37.85	36.20	36.46

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

JULHO DE 1955

DIAS	ENTRADAS										EMBARQUES			Retiradas do Mercado	Consu Loca
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Goiás	Paraíba	Pernambuco	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total		
1	—	1 680	—	—	—	—	—	—	—	1 680	—	—	—	—	—
2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3 948	—	3 948	—	—
4	7 934	—	—	—	—	—	—	—	—	7 934	5 875	—	5 875	—	—
5	—	300	—	1 132	—	—	—	—	—	1 432	—	—	—	—	—
6	11 274	—	—	—	—	—	—	—	—	11 274	3 692	—	3 692	—	—
7	—	—	—	21 222	—	—	—	—	—	21 222	35 050	1 155	36 205	—	—
8	—	12 227	—	—	—	—	—	—	—	12 227	14 703	—	14 703	—	—
9	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	8 058	—	8 058	—	—
11	—	14 335	—	1 973	—	—	—	—	—	16 308	22 763	—	22 763	—	—
12	8 607	2 356	—	3 670	—	—	—	—	—	14 633	7 572	—	7 572	—	—
13	3 916	1 572	725	6 035	—	—	—	—	—	12 248	2 546	—	2 546	—	—
14	—	4 106	333	—	—	—	—	—	1 330	5 769	—	—	—	—	—
15	546	659	—	5 118	—	—	—	—	290	6 613	9 035	—	9 035	—	—
16	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3 570	—	3 570	—	—
18	—	6 089	2 926	—	—	—	—	—	—	9 015	13 442	—	13 442	—	—
19	—	7 790	—	7 561	—	—	—	—	—	15 351	7 551	—	7 551	—	—
20	—	4 799	—	6 775	—	—	—	—	—	11 574	4 359	—	4 359	—	—
21	—	7 820	4 285	583	992	—	—	—	—	13 680	585	—	585	—	—
22	—	730	—	3 267	—	—	—	—	940	4 937	1 500	—	1 500	—	—
25	—	7 898	—	—	—	—	—	—	—	7 898	17 063	—	17 063	—	—
26	—	9 590	—	—	—	—	—	—	—	9 590	24 776	—	24 776	—	—
27	—	3 813	—	9 904	—	—	—	—	—	13 717	8 225	—	8 225	—	—
28	—	10 038	—	—	—	—	—	—	—	10 038	6 162	—	6 162	—	—
29	—	5 022	3 267	—	1 200	665	410	110	2 155	12 829	1 450	275	1 725	—	—
30	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	21 369	431	21 800	194	22 0
Total	32 277	100 824	11 536	67 240	2 192	665	410	110	4 715	219 969	223 294	1 861	225 155	194	22 0

CÂMBIO DE NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

JULHO DE 1955

(Valor das diversas moedas em dolar)

DIAS	Londres £	Montreal $	Rio de Janeiro Cr$	Buenos Aires peso	Monte-vidéo peso	Paris franco	Berna franco	Stockol-mo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amster-dan guilder	Brasil Cr$ Oficial
....	2,78 5/8	1,01 1/2	0,01 33	0,07 22	0,30 50	0,0028 5/8	0,2333 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 7/8	0,26 20	0,05 50
....	2,78 11/16	1,01 17/32	0,01 34	0,07 23	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/4	0,26 19	0,05 50
....	2,78 7/16	1,01 9/16	0,01 33	0,07 23	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 17	0,05 50
....	2,78 1/2	1,01 17/32	0,01 33	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 18	0,05 50
....	2,78 1/2	1,01 17/32	0,01 33	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 20	0,05 50
....	2,78 1/2	1,01 17/32	0,01 33	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 20	0,05 50
....	2,78 7/16	1,01 17/32	0,01 33	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 19	0,05 50
....	2,78 1/2	1,01 19/32	0,01 33	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 7/8	0,26 20	0,05 50
....	2,78 1/2	1,01 9/16	0,01 33	0,07 25	0,30 36	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 20	0,05 50
....	2,78 7/16	1,01 9/16	0,01 33	0,07 25	0,30 36	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 20	0,05 50
....	2,78 1/2	1,01 5/8	0,01 33	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 20	0,05 50
....	2,78 1/2	1,01 11/16	0,01 33	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 20	0,05 50
....	2,78 1/2	1,01 21/32	0,01 33	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 20	0,05 50
....	2,78 7/16	1,01 11/16	0,01 34	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 19	0,05 50
....	2,78 7/16	1,01 23/32	0,01 35	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 20	0,05 50
....	2,78 1/2	1,01 13/16	0,01 35	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 5/8	0,26 20	0,05 50
....	2,78 1/2	1,01 11/16	0,01 36	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 20	0,05 50
....	2,79 1/2	1,01 5/8	0,01 38	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 20	0,05 50
....	2,79 1/8	1,01 9/16	0,01 38	0,07 25	0,30 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 21	0,05 50
....	2,78 3/4	1,01 11/16	0,01 40	0,07 23	0,30 37	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0198 3/4	0,26 20	0,05 50
édia ...	**2,78 19/32**	**1,01 39/64**	**0,01 34**	**0,07 24**	**0,30 48**	**0,0028 5/8**	**0,2333 31/32**	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,0198 7/8**	**0,26 19**	**0,05 50**

COTAÇÕES DE CAFÉS NÃO BRASILEIROS EM NOVA YORK

(Em cents por libra (peso) 453,60) — Julho de 1955

PROCEDÊNCIA	DIAS				MÉDIA
	6	13	20	28	
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	2) 60 00	2) 61 1/4	2) 61 00	2) 62 00	61 1/16
Armenia	2) 60 00	2) 61 1/4	2) 61 00	2) 62 00	61 1/16
Manizales	2) 60 00	2) 61 1/4	—	2) 62 00	61 1/16
EQUADOR:					
Lavado	2) 58 00	2) 58 00	2) 58 00	2) 58 00	58 00
Extra não lavado	2) 57 00	2) 57 00	2) 45 3/4	2) 45 1/2	51 5/16
GUATEMALA:					
Extra primeira	N/cot.	2) 60 1/4	N/cot.	N/cot.	60 1/4
Lavado bom	N/cot.	2) 51 3/4	N/cot.	N/cot.	51 3/4
HAITÍ:					
Lavado bom mole	6) 57 1/2	6) 57 1/2	2) 57 1/2	2) 58 00	57 5/8
Catado a mão	6) 52 1/2	6) 52 1/2	2) 52 1/2	2) 51 00	52 1/8
MÉXICO:					
Coatepec	6) 58 1/2	6) 58 00	2) 59 1/2	+) 60 00	59 00
Tapachula primeira	6) 58 00	6) 57 3/4	N/cot.	N/cot.	57 7/8
S. DOMINGOS:					
Lavado bom mole	6) 57 1/4	6) 57 1/2	2) 57 1/2	+) 58 00	57 9/16
Fino	6) 57 1/4	6) 57 1/2	2) 57 1/2	+) 58 00	57 9/16
VENEZUELA:					
Maracaibo	6) 58 1/2	6) 59 00	2) 59 1/4	+) 59 1/2	59 1/16
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	x) 51 1/2	6) 56 00	xx) 56 00	N/cot.	54 1/2
Natural robusta	-) 40 00	-) 40 00	-) 39 1/2	+) 39 1/2	39 3/4
MOCA:					
Moca (Arábia)	-) 61 00	-) 61 00	-) 60 1/4	+) 61 00	60 13/16
N. E. I.:					
Genuino Java lavado	-) 69 3/4	-) 70 1/2	-) 70 1/4	+) 70 /1/2	70 1/4
UGANDA:					
Lavado	-) 36 1/2	-) 35 1/2	(-35 1/2	+) 36 00	35 7/8

INDICAÇÕES 1 — C. & F. — U.S.A. (Nova York)
2 — Desembarcado à vista líquido
3 — Disponível — Armazens Gerais Nova York
4 — F. O. B. Nova York
5 — F. O. B. País de Procedência
6 — Nominal
x) — Julho/Agôsto Ex-docas
XX) — Julho — Ex docas
+) — Embarque imediato
—) — Disponível

Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro, durante o mês de julho e safra 1955/56

Meses	Entradas	Embarques
1955		
julho	219.969	225.155

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Oficial**, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres, durante o mês de **JULHO** de 1955

DIAS	Inglaterra	Est. Unidos	Uruguai	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
2	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
4	52,6960	18,82	—	—	—	—	—	—	0,0538
5	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
6	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
7	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
8	52,6960	18,82	—	4,4259	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
11	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
12	52,6960	18,82	—	4,4269	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
13	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
14	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
15	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
16	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
18	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
19	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
20	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
21	52,6960	18,82	5,7203	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
22	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
23	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3790	0,0538
25	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3790	0,0538
26	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3790	0,0538
27	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3709	0,0538
28	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
29	52,6960	18,82	—	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
30	52,6960	18,82	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
Média	**52,6960**	**18,82**	**5,7203**	**4,4266**	**3,6402**	**2,7499**	**0,6607**	**0,3799**	**0,0538**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de CÂMBIO LIVRE, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o mês de JULHO de 1955.

DIAS	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Venezuela	Uruguai	Alemanha	Suiça	Suécia	Dinamarca
2	217,7986	—	77,1188	—	24,4200	—	18,1010	—	8,5000
4	217,3106	—	77,3964	—	—	19,5000	17,7921	—	8,8000
5	214,6400	78,0000	76,9173	—	23,6250	—	18,2180	—	8,7000
6	213,7906	78,1899	76,8353	—	24,5000	19,3000	—	12,5900	8,5000
7	215,1580	77,6000	76,8737	—	24,4529	19,3000	17,9874	—	—
8	214,9432	—	76,4796	—	—	—	18,0884	—	—
11	214,9252	78,2000	76,9428	24,5000	24,5976	—	18,1111	13,2500	—
12	214,3132	—	76,9624	—	24,0000	—	17,9326	—	—
13	213,3684	—	77,2746	—	24,1551	—	18,1847	12,8844	8,6000
14	213,2004	77,8000	77,2335	—	—	—	18,1753	13,2000	—
15	214,8052	79,0000	77,5365	—	24,5100	—	18,0399	13,1000	—
16	213,1528	—	77,5287	—	24,6700	—	18,0000	—	8,6000
18	212,8802	—	77,9232	—	—	19,5000	—	—	—
19	213,0369	—	77,2942	—	24,4262	—	18,1500	12,9000	8,6529
20	215,6241	—	77,1631	—	25,2666	—	18,0669	13,4000	8,5000
21	213,1188	—	76,6671	—	23,8495	—	18,0449	—	9,0187
22	211,3791	—	76,3087	—	—	—	18,6918	13,3000	—
23	210,0554	77,5247	76,2168	—	23,5000	—	18,5201	12,8984	8,0000
25	210,9491	—	76,6049	—	23,7000	—	—	—	—
26	211,1056	—	75,8674	—	—	—	17,7192	—	—
27	209,2717	—	75,6055	—	—	—	17,6500	13,3000	—
28	198,3345	74,5000	73,9133	—	—	18,0000	—	—	8,0000
29	207,4525	74,3000	72,7027	—	—	—	16,8771	—	8,4525
30	203,7140	74,5407	73,1715	—	—	—	17,2000	12,8500	8,5000
Md	212,2633	76,9655	76,4390	24,5000	24,2623	19,1200	17,9775	13,0611	8,5864

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de CÂMBIO LIVRE, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o mês de JULHO de 1955.

DIAS	*Argentina*	*Portugal*	*Espanha*	*Bélgica*	*Paraguai*	*Bolívia*	*Chile*	*França*	*Itália*
2	—	2,7191	1,9481	1,4800	—	—	—	—	—
4	2,4000	2,6997	1,9300	1,4700	—	—	—	—	0,1300
5	—	2,7236	1,9264	1,4800	—	—	—	—	0,1280
6	—	2,7091	1,9274	—	1,1000	—	0,2300	—	0,1300
7	—	2,7109	1,8578	—	—	—	—	—	—
8	2,4000	2,6997	1,9300	—	—	0,4000	—	—	0,1300
11	2,5500	2,7243	1,8983	1,6275	—	—	—	—	0,1281
12	2,5500	2,7193	1,9300	—	—	—	—	—	—
13	2,5292	2,7018	1,9236	—	—	—	—	—	—
14	—	2,7044	1,9227	1,4502	—	—	—	0,2100	0,1300
15	2,5297	2,7247	1,9325	—	—	—	—	—	—
16	—	2,7354	1,9465	—	—	—	0,2260	—	0,1267
18	—	2,7157	1,9329	—	—	—	—	—	—
19	2,5000	2,7218	1,9397	—		—	—	—	—
20	2,5180	2,7086	1,9174	1,4625	1,0000	—	—	0,1900	0,1250
21	2,4590	2,7172	1,9270	1,5292	—	—	—	—	0,1260
22	2,4870	2,7279	1,8637	—	—	—	0,2300	—	0,1280
23	—	2,6962	1,9200	1,4500	—	—	—	—	0,1272
25	2,5000	2,7002	1,8883	—	1,1000	—	—	—	—
26	—	2,6726	1,9171	—	—	—	0,2202	—	—
27	2,4500	2,6543	1,9071	1,5005	—	—	—	—	0,1218
28	2,4506	2,6481	1,8624	1,4235	—	—	—	—	0,1267
29	2,4500	2,6099	1,7775	1,4178	—	—	—	—	0,1182
30	—	2,6166	—	1,4113	—	—	—	—	0,1200
Md	2,4838	2,6983	1,9098	1,4752	1,0666	0,4000	0,2265	0,2000	0,1263

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA — JULHO DE 1955

DIAS	Londres libra	N. York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
2	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,53 01	3,55 13	—
4	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,53 01	3,55 13	—
5	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,52 18	3,55 13	—
6	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,51 35	3,55 13	4,80 48
7	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,51 35	3,55 13	4,79 93
8	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,53 28	1,31 64	5,53 01	3,55 13	4,82 30
9	51,40 80	18,30 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,54 68	3,55 13	4,80 66
11	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,54 68	3,55 13	—
12	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,53 85	3,55 13	—
13	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,53 01	3,55 13	4,80 30
14	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,51 35	3,55 13	4,80 66
15	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,50 52	3,55 13	—
16	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,50 52	3,55 13	4,80 48
18	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,50 52	3,55 13	—
19	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,50 52	3,55 13	4,80 48
20	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,52 18	3,55 13	—
21	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,52 18	3,55 13	4,80 66
22	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,53 01	3,55 13	4,80 48
25	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,53 01	3,55 13	4,80 66
26	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,53 01	3,55 13	—
27	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0.63 28	1,31 52	5,53 01	3,55 13	4,80 48
28	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,50 66	3,55 13	4,80 66
29	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 53	5,51 77	3,55 13	—
30	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 52	5,51 77	3,55 13	—
Média	51.40 80	18.36 00	4,28 34	0.63 28	1.31 57	5,52 25	3,55 13	4,80 63

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA — JULHO DE 1955

DIAS	Londres libra	N. York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
2	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.74.66	3.64.02	—
4	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.74.66	3.64.02	—
5	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.73.78	3.64.02	—
6	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.72.91	3.64.02	4.92.52
7	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.72.91	3.64.02	4.91.95
8	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.74.66	3.64.02	4.92.33
9	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.76.42	3.64.02	4.92.71
11	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.76.42	3.64.02	—
12	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.22	5.75.54	3.64.02	—
13	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.74.66	3.64.02	4.92.33
14	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.72.91	3.64.02	4.92.71
15	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.10	5.72.04	3.64.02	—
16	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.10	5.72.04	3.64.02	4.92.52
18	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.10	5.72.04	3.64.02	—
19	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.10	5.72.04	3.64.02	4.90.52
20	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.73.78	3.64.02	—
21	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.73.78	3.64.02	4.92.71
22	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.74.66	3.64.02	4.92.52
25	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.74.60	3.64.02	4.92.71
26	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.74.60	3.64.02	—
27	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.74.60	3.64.02	4.92.52
28	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.71.60	3.64.02	4.92.71
29	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.73.34	3.64.02	—
30	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.20	5.73.34	3.64.02	—
Média	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.19	5.73 83	3.64.02	4.92.36

CÂMBIO

— 1955 —

MERCADO SOB TAXAS OFICIAIS

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta praça, durante o mês de JULHO.

PAÍSES	*MOEDAS*	*COMPRAS*	*VENDAS*
Bélgica	Francos	41.017.302	51.366.3[illegible]6
Dinamarca	Corôas	7.449.656	7.809.491
Est. Unidos	Dólares	11.154.095	9.931.607
França	Francos	345.536.926	391.376.551
Holanda	Florin	1	—
Inglaterra	Libras	749.465	763.043
Portugal	Escudos	9.501	18.678
Suécia	Corôas	11.347.378	10.952.506
Suiça	Francos	1.491.589	4.759.461
Uruguai	Pesos	—	6

CONVÊNIOS

	Compras	Vendas
US$ Alemanha	1.386.636	1.460.790
US$ Argentina	2.144.851	2.407.283
US$ Bolívia	456.724	267.469
US$ Áustria	134.491	139
US$ Chile	6.466	792.859
US$ Espanha	1.862.845	1.970.178
US$ Finlândia	2.586.032	2.633.467
US$ Grécia	930	59
US$ Holanda	668.148	252.414
US$ Hungria	769.978	906.526
US$ Itália	1.480.142	1.374.132
US$ Iugoslávia	2.257.447	2.310.892
US$ Japão	7.376.354	6.545.612
US$ Noruega	655.708	545.720
US$ Polônia	1.083.896	496.720
US$ Portugal	101.659	140.982
US$ Tchecoslováquia	1.276.309	1.286.376
US$ Turquia	132.844	85.420
US$ Uruguai	533.855	105.319
£ s/Islândia	83	48

CÂMBIO

— 1955 —

MERCADO SOB TAXAS LIVRES

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta Praça, durante o mês de JULHO.

PAÍSES	*MOEDAS*	*COMPRAS*	*VENDAS*
Alemanha	Marco	290	700
Argentina	Peso	69.286	115.770
Bélgica	Franco	2.626.753	2.786.402
Canadá	Dollar	345	4.514
Chile	Peso	85.685	1.600
Colômbia	Peso	10	—.—
Dinamarca	Corôa	215.897	291.703
Espanha	Peseta	462.051	510.343
Est. Unidos	Dollar	6.263.554	6.317.377
França	Franco	5.613.482	4.806.615
Holanda	Florin	1.100	—.—
Inglaterra	Libra	222.287	164.954
Itália	Lira	1.311.050	1.166.858
Paraguai	Guaraní	12.555	985
Perú	Sol	100	—.—
Portugal	Escudo	2.648.758	3.750.187
Suécia	Corôa	311.943	366.227
Suiça	Franco	399.344	244.074
Uruguai	Peso	21.520	39.639
Venezuela	Bolivar	115.060	115.060

CONVÊNIOS

	Compras	Vendas
US$ Alemanha	134.733	125.412
US$ Argentina	19.895	18.054
US$ Áustria	3.356	—.—
US$ Chile	9.736	215
US$ Espanha	25.673	18.213
US$ Finlândia	1.884	1.490
US$ Grécia	3.682	2.245
US$ Holanda	14.600	8.712
US$ Hungria	4.402	4.289
US$ Itália	13.860	47.414
US$ Iugoslávia	7.399	4.510
US$ Japão	29.606	23.370
US$ Noruega	11.763	3.350
US$ Polônia	10.872	326
US$ Portugal	1.251	21
US$ Tchecoslováquia	11.225	3.345
US$ Turquia	47	—.—
US$ Uruguai	4	—.—

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICAS: